



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E JORNALISMO  
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

**ANA DANIELY TAVARES DA SILVA**

**MEMÓRIAL AUTOETNOGRÁFICO:  
DO (V)ENTRE – ARTE E VIDA ENTRELAÇADOS.**

**MACAPÁ/AP  
2019**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E JORNALISMO  
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

**ANA DANIELY TAVARES DA SILVA<sup>1</sup>**

**MEMÓRIAL AUTOETNOGRÁFICO:  
DO (V)ENTRE – ARTE E VIDA ENTRELACADOS**

Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Teatro do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal do Amapá, sob supervisão do Prof. Mst<sup>a</sup>: Adélia Carvalho.

**MACAPÁ/AP  
2019**

---

<sup>11</sup>Mulher, mãe, feminista, bailarina, atriz, pesquisadora independente, acadêmica de Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do Amapá.

**Ao meu curumim, com afeto.**

**Mamãe, Ana!**

## AGRADECIMENTO

Ao meu filho, Dionísio que é minha força e luz, potência, carga de ocitocina diária que me impulsiona a seguir firme nessa caminhada. Que no futuro, se faça compreender minha ausência em alguns momentos. A você dedico todas as minhas conquistas, meu pequeno. Te amo, do meu jeito “meio torto”, mas amo.

À turma de teatro 2016 da Universidade Federal do Amapá por todo AFETO, inspiração e atenção dedicados nos momentos de turbulência dessa caminhada;

Aos professores, no nome da minha orientadora Adélia Carvalho, que apesar das adversidades me acolheu e foi paciente nesse processo; Grata por acreditar no meu potencial e me impulsionar.

À uma pequena e especial parcela da minha família que me auxiliou com recursos financeiros para que fosse possível minha permanência na universidade. Sem vocês não seria possível a realização desta graduação!

Às minhas amigas-mães do clã das comadres que a cada encontro nosso me reenergizavam com nossa força feminina e com nossos rituais de bruxaria;

Aos meus poucos e raros amigos, no nome do meu melhor amigo Waleff Dias Caridade que foi lar, porto e cais quando precisei e até mesmo quando não precisei se fez presente.

GRATIDÃO!

Com afago e afeto,

Dani.

## LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1: RETICÊNCIAS. FONTE: RETIRADA DA INTERNET.....	8
FIGURA 2: APRESENTAÇÃO DE BALLETO NO TEATRO DAS BACABEIRAS. FOTO: ARQUIVO PESSOAL DE KARLANY MOTA.....	12
FIGURA 3: DOCE NAMORADOS.....	14
FIGURA 4: BAIANÁ. FOTO: ARQUIVO PESSOAL.....	15
FIGURA 5: RODA GAIA. FOTO: RAMON SENA.....	20
FIGURA 6: MÃES TICUNAS CARREGANDO BEBÊS. FOTO: MÁRCIA RIBEIRO.....	21
FIGURA 7: MATERNAR E BAILAR NO FRANCO AMAPAENSE. FOTO: PRISCYLLARESQUE.....	21
FIGURA 8: PRIMEIRA AULA DO GRUPO COM A PROFESSORA DOUTORA LILIAN MONTEIRO. FOTO: PRISCYLLA RESQUE.....	22
FIGURA 9: MARABAIXO NA FAMA. FOTO: PRISCYLLARESQUE.....	23
FIGURA 10: DIA DAS MÃES NA IGREJA SHURCH. FOTO: ARQUIVO PESSOAL.....	24
FIGURA 11: ARRAIÁ CIRANDA MATERNA. FOTO: NATACHA VILHENA.....	25
FIGURA 12: RASCUNHO PESSOAL DE DIÁRIO DE BORDO.....	27
FIGURA 13: CARTA SAUDADE.....	28
FIGURA 14: RASCUNHO PESSOAL DE DIÁRIO DE BORDO.....	29
FIGURA 15: PERFORMANCE AMAR.RAS. FOTO: ARQUIVO PESSOAL.....	30
FIGURA 16: AMAR.RAS. FONTE: CATALÓGO CORPUS URBIS.....	32
FIGURA 17: CORPO-ÁRVORE. FOTO: JONES BARSOU.....	33
FIGURA 18: CORPO-ÁRVORE. FOTO: JONES BARSOU.....	34
FIGURA 19: CAMUF. FOTO: ARQUIVO PESSOAL.....	36
FIGURA 20: IARA MÃE D'ÁGUA. FOTO: KAMYLLE AMARAL.....	37
FIGURA 21: IARA MÃE D'ÁGUA. FOTO: KAMYLLE AMARAL.....	38
FIGURA 22: SELF-SERVICE. FOTO: RIAN MESES.....	39
FIGURA 23: SELF-SERVICE.....	40
FIGURA 24: DOCE E O SUMO. FOTO: RIAN MENESES.....	42
FIGURA 25: RASCUNHO PESSOAL DO CADERNO DE BORDO.....	48
FIGURA 26: RASCUNHO PESSOAL DO DIÁRIO DE BORDO DA DISCIPLINA DE EXPRESSÃO CORPORAL.....	49
FIGURA 27: RETOMADA. FOTO: LUAN/SEREIA CARANGUEJO.....	50
FIGURA 28: RASCUNHO DO DIÁRIO DE BORDO DA DISCIPLINA DE EXPRESSÃO CORPORAL.....	53

## SUMÁRIO

<b>1. RETICÊNCIAS, CORPO-CASA OU APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1.1. É UMA MENINA-MULHER!.....</b>	<b>9</b>
<b>1.2. MEMÓRIAS DANÇANTES DE UM CORPO DESCONHECIDO.....</b>	<b>11</b>
<b>1.3. VENTRE: CASA DA ARTE.....</b>	<b>18</b>
<b>1.4. A ARTE DA MATERNIDADE.....</b>	<b>20</b>
<b>1.5. TEATRO É VIDA: A ARTE PULSA EM MEU CORPO.....</b>	<b>25</b>
<b>2. GRANDES (TRANSFORMA)ÇÕES.....</b>	<b>27</b>
<b>2.1 ALÉM DO RIO.....</b>	<b>27</b>
<b>2.2. AMAR.RAS.....</b>	<b>29</b>
<b>2.3. CORPO-ÁRVORE.....</b>	<b>33</b>
<b>2.3.1. Ramificações.....</b>	<b>35</b>
<b>2.4. IARA MÃE D'ÁGUA.....</b>	<b>37</b>
<b>2.5. SELF-SERVICE.....</b>	<b>39</b>
<b>2.6. DOCE E O SUMO.....</b>	<b>41</b>
<b>3. ENTRELAÇAMENTO, RETICÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAL BIBLIOGRAFICO.....</b>	<b>55</b>

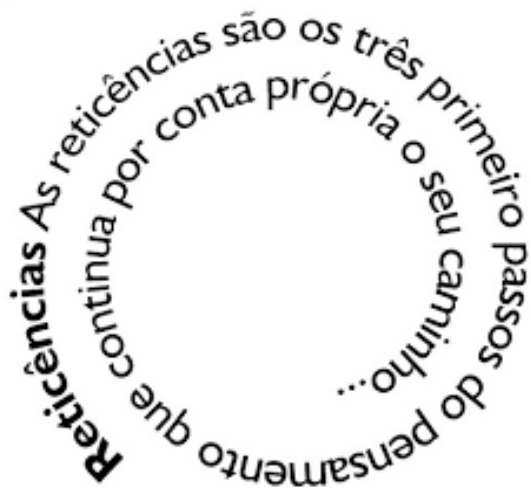
## RESUMO

Ser mulher é resistir diariamente nesse sistema patriarcal e opressor, onde a todo o momento precisamos estar nos reafirmando e conquistando locais de fala e ação. Sendo artista, essas questões se tornam mais desafiadoras frente à invalidação que ocorre da arte e do fazer teatral por grande parte da população. Busco, de acordo com as minhas possibilidades e através do fazer teatral, potencializar meu fazer artístico e a minha existência. Resistir através das artes! Com esse intuito trago nesta pesquisa reflexões e indagações sobre minha trajetória pessoal e artística. Busco afirmar minhas vivências como fonte de pesquisa e indicar onde minhas produções com a dança e o teatro estão atreladas à minha trajetória pessoal. Traçando relações entre ambas – vida e arte -. Expondo ainda a importância do ingresso no curso de licenciatura em teatro na universidade federal do Amapá e sobre o quanto se tornou positivo para ambos os processos e para o aprimoramento de questões que tangem o fazer pedagógico.

Palavras-chave: Autoetnografia; Teatro; Memorial;

To be a woman is to resist daily in this patriarchal and oppressive system, where at all times we need to be reaffirming and conquering places of speech and action. As an artist, these issues become more challenging in view of the invalidation of art and theatrical performance by a large part of the population. I seek, according to my possibilities and through theatrical making validate my artistic doing and my existence. Resist through the arts! With this intention I bring in this research reflections and questions about my personal and artistic trajectory. I seek to validate my experiences as a source of research and indicate where my productions with dance and theater are linked to my personal trajectory. Tracing relationships between both life and art. Exposing also the importance of entering the degree course in theater at the federal university of Amapá and about how it became positive for both processes and for the improvement of issues that make the pedagogical practice.

Keywords: Autoethnography; Theater; Memorial;



## 1. RETICÊNCIAS, CORPO-CASA ou apresentação.

O que me move neste mundo é meu corpo, (minha segunda casa, pois a primeira foi o ventre de minha mãe). Como uma boa taurina que sou - signo regido pelo elemento terra e pelo planeta Vênus-, estremeço no íntimo de minha atmosfera e é meu corpo que sente o impacto das oscilações de humor no

decorrer do dia, de maneira positiva e

Outras nem tanto, sente o excesso de peso e de amor, que transborda! Possibilita-me existir! Se, respiro, ando, durmo, acordo, danço, atuo e sou quem sou neste planeta é graças a este corpo que mesmo mantendo uma relação instável, um constante amar e odiar, - devido a padrões de beleza pré-estabelecidos -. Preciso cuidar e amá-lo.

A construção desta pesquisa me faz perceber o quanto ainda preciso olhar mais para dentro de mim, me auto-conhecer, partilhar este pensamento e dialogar com outras mulheres para que seja possível estreitar laços de trocas afetivas. Quem sou, diz muito sobre minhas produções. Minha arte fala por mim, meu corpo diz o que de mais íntimo se esconde dentro de meus pensamentos. - Reflexões, indignações, questionamentos, apagamentos, curiosidades e etc -. Considero que quanto mais atentos estamos ao processo de vivência com os outros e conosco é possível perceber quais materiais de trabalho temos afinidades e como estes, interferem em nossas relações e vice-versa.

Não me considero uma pessoa muito questionadora, inclusive isso me incomoda algumas vezes, mas ao adentrar na universidade fui compreendendo a força e o valor de ser questionadora. Ainda mais quando se trata do corpo em cena “será que estou pronta para realizar este trabalho?” Nem tudo me obrigam a fazer, mas tudo me é exigido. A universidade é lugar hostil e solitário, tem pessoas que me impulsionam, mas existem pessoas que me pisam, é preciso ser sábia e utilizar muito bem as palavras ou de que forma expor sua opinião contra um sistema opressor e escolhi o teatro.

No decorrer desta pesquisa trago muitas indagações, relatos, feminismos e resistência. A existência desse trabalho por si só já se caracteriza como ato de (r)esistência. Contra esse governo opressor, que corta verbas da educação, extingue o Ministério da Cultura, as pessoas que, menosprezam e desvalorizam as mulheres artistas-pesquisadoras-docentes e contra todo o patriarcado, que mesmo com os avanços



no que tange os direitos das mulheres, ainda quer nos dizer o que fazer ou deixar de fazer. CHEGA!

“A humanidade, ao longo dos séculos, adorou e temeu o que não conseguia explicar e as criaturas capazes de gerar vida, conhecedoras dos segredos da fertilidade, que plantavam e colhiam, e cuja própria vida era governada por ciclos sangrentos dos quais sobreviviam, só poderiam ser vistas como detentoras de poderes sobrenaturais. Mulheres que, como amantes, mães ou filhas, eram associadas ora às Deusas, ora a Satã.” (LOBO, 2018. pág. 68)

O momento é de tomar as rédeas, reassumir nossos poderes e nos impor, nos colocar nos espaços e lutar por direitos iguais. Minha vida, minhas escolhas e minhas regras. Biologicamente nasci mulher e escolhi assumir ser mulher, aquela que sangra todos os meses, que sente raiva no período pré-menstrual, que se modifica de acordo com as fases da lua, que briga e é forte como as águas do Rio Amazonas, aquela que grita e ao mesmo tempo dialoga. Tomo minhas decisões, faço escolhas e assumo os riscos.

Diferente do que muitos acreditam, nós temos escolha quanto a nossa sexualidade, sexo e gênero! Ninguém é obrigado a se inserir em caixinhas que nos enquadram como santa, puta ou louca. Temos total direito ao gozo e aos prazeres da vida e somos nós, mulheres, que decidimos por onde caminhar. Escolhi as artes para ir de embate e confrontar todo retrocesso que estão querendo instaurar novamente, não vamos permitir! Utilizo do meu corpo para dizer e mostrar o que penso. Meu corpo e minha existência são minhas maiores armas contra o sistema opressor.

**O que considero de mais essencial e precisa ser dito,  
digo com meu corpo através do meu fazer artístico!**

**Meu corpo grita o que a  
voz não consegue  
expressar!**

*Ana Daniely Tavares da Silva.*

### **1.1.É UMA MENINA-MULHER!**

*Triste, louca ou má...<sup>2</sup>*

---

<sup>2</sup>Música de Francisco El Hombre do álbum “Soltasbruxas”.2016.

Ao nascer com o sexo destinado feminino já nos é imposta a cor rosa, escolhem nossa orientação sexual, furam nossas orelhas e nos colocam nas aulas de ballet, porque “menina faz ballet e menino faz judô” e assim se compreende a sociedade normativa. Enfeitam-nos com aquelas saias de tuli, meia calça, coque na cabeça, sapatilhas e adivinhe? Tudo rosa. Cresço, vou adquirindo certa consciência sobre feminilidade, ser feminina e vou me indagando sobre meus gostos, se isso é o que realmente queria ter feito e se realmente é isso que quero fazer para a minha vidas ou se apenas me foi impostos. Esses pensamentos se tornam recorrentes evão se aprofundando cada vez mais ao passar dos anos. Trago aqui o exemplo do ballet e das roupas rosa por ser a minha vivência. Reconheço, atualmente o quanto fui e sou privilegiada ao ter acesso a esta arte, mas compreendo que para muitas meninas essa não é a realidade. Infelizmente as artes ainda são restritas a uma parcela da sociedade.

E, no meu caso, quando entrei para o ballet compreendi que minha mãe tomou a melhor decisão que ela pôde e fez o que ela compreendia ser melhor para mim. A ela sou grata infinitamente por ter me colocado no mundo da dança, pois de fato, conhecendo a dança desde a infância, pude compreender as outras vertentes artísticas e, por conseguinte possibilitou que eu tivesse interesse em entrar no curso de licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Amapá.

Através do resgate de minhas memórias, será possível que eu realize uma análise acerca de minhas vivências enquanto mulher na cena teatral, que ocorreram nos quatro anos de graduação no curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Amapá. Fazendo um apanhado histórico de todos os trabalhos que considero relevantes e que já executei, vinculando cada um ao meu processo pessoal, de vida.

"A memória das sociedades antigas se apoiava na estabilidade espacial e na confiança em que os seres de nossa convivência não se perderiam não se afastariam." (BOSSI, 1979, apud. CHAUI, 1979. Pág. 19). Creio que memórias sejam histórias. Na ânsia de se fazer lembrar e recordar de minhas vivências enquanto mulher-artista é que busco compartilhar e trocar informações relevantes sobre o fazer artístico. Tornando minhas vivências escritas compreendo que o ideal é que teoria e prática caminhem juntas, para melhor aproveitamento e aprimoramento dos saberes adquiridos na academia e no decorrer da vida pessoal. Por tanto, sendo assim, considero esta pesquisa como auto-etnográfica:

“o que se destaca nesse método é a importância da narrativa pessoal e das experiências dos sujeitos e autores das pesquisas, o fato de pensar o papel político do autor em relação ao tema, a influência desse autor nas escolhas e direcionamentos investigativos e seus possíveis avanços. Tudo isso tem uma conexão direta com o reconhecimento do caráter político e transformador que

tal método assume ao “dar voz para quem fala” e em “favor de quem se fala” (Reed Danahay, 1997 apud Santos, 2017. Pág. 219)

Minhas experiências são fontes infinitas de saberes as quais devo valorizar preservar e utilizar como fonte dessa pesquisa. Validam suas importâncias ímpares para minha trajetória de vida e contribuem de forma significativa para toda construção do meu processo artístico.

“Por intermédio da autoetnografia, o indivíduo, ora pesquisador ora participante da pesquisa, compreende a si mesmo por meio da reflexão e do contexto no qual está inserido. Ao compreender a si mesmo, entenderá não só o contexto pesquisado como também os demais envolvidos”.(Ellis e Bochner apud Magalhães, 2018. p. 18)

E é com intuito de resgate de memórias, vivências, experiências externas e internas que essa pesquisa é pautada, tendo como estudo a análise e reflexão de minha trajetória artística no teatro a partir do resgate de memórias enquanto mulher, bailarina, atriz, pesquisadora, docente, mãe, feminista e ativista. Reforçando a importância da ocupação de corpos femininos nesses e em outros espaços de ação.

Decidi acolher ao chamado de recolher minhas vivências pessoais no âmbito das artes ou como diria Estés (1994. Pág. 42), irei “recolher meus ossos e cantar sobre eles”, assim, pretendo unir alguns fragmentos ou partes deles neste documento, com a finalidade de que fiquem arquivadas minhas memórias corporais em material escrito. Convido você, leitor (a), a embarcar nessa aventura de minha breve trajetória artística em formação. Acompanhando não apenas meu desenvolvimento artístico, como também o pessoal, uma verdadeira montanha russa de emoções e sensações que é possível perceber no decorrer da leitura e das imagens. Uma jornada em processo de uma menina à mulher, de adolescente a adulta. Feminista, mãe e arteira.

## **1.2. MEMÓRIAS DANÇANTES DE UM CORPO DESCONHECIDO**

Decido por investigar minha trajetória artística, pois, como dizia Frida Kahlo “*eu sou a pessoa que me conheço melhor*”<sup>3</sup> e se torna muito mais prazeroso falar de experiências das quais pude ser protagonista e que ainda estão em processo de construção e investigação processual. E por isso compartilho de maneira breve

---

<sup>3</sup>Fonte: <https://www.greenme.com.br/viver/arte-e-cultura/5961-frida-kahlo-vida-nr>

informações pessoais da minha relação com a dança clássica e contemporânea e, como ambas influenciam minhas vivências até os dias atuais.



Figura 2: Apresentação de ballet no Teatro das Bacabeiras. Foto: Arquivo pessoal de Karlany Mota

## **É a partir dessa imagem que dou início ao resgate de minha trajetória artística!**

Mas afinal o que é arte? Demorei algum tempo para ter o mínimo de noção sobre o fazer artístico e atualmente questiono essas definições. Minha história com as artes começa sem eu ter conhecimento de que a minha prática era uma forma de expressão artística. Naquela época, meados de 2001, quando tinha 7 (sete) anos, compreendia a dança como atividade física e carreguei este pensamento por muito tempo durante minha formação artística e acadêmica - sou graduada em Pedagogia pela Faculdade Atual desde 2013.

Quando tinha 7 anos de idade minha mãe me matriculou nas aulas de ballet clássico com a Professora Lilian Monteiro na escola Estadual Drº Coaracy Nunes, localizada no bairro Santa Rita, na avenida Mendonça Júnior, 141, na Cidade de Macapá-AP. Foi onde comecei a praticar o ballet clássico. Lilian Monteiro é professora de educação física na escola, mas é mais voltada a área da dança, com o intuito de ampliar seus conhecimentos oferta vagas não apenas para alunas da escola, mas também disponibiliza acesso a outras crianças da comunidade.

Em um primeiro momento, quando adentrei este espaço minha relação com a dança é terapêutica e, arrisco dizer, fisioterapêutica. Pois, no meu nascimento eu sofri o

que chamam de pé torto congênito<sup>4</sup>, com isso, precisei realizar alguns procedimentos cirúrgicos ainda criança, - com 6 meses de idade - para que fosse possível a reconstrução do meu pé de forma que possibilitasse que eu andasse normalmente. Foi, então, que o ballet clássico auxiliou. Visto que contribuiu na melhoria das funções motoras, não somente do pé, mas também dos joelhos e tronco, de forma que eu viesse a me locomover sem maiores dificuldades.

Ajudou também na questão da auto-estima e descoberta corporal, tendo em vista que meu corpo possui algumas limitações, como por exemplo: possuo dificuldade em esticar por completo o tendão fibular curto<sup>5</sup> do pé direito e isso me impede de ficar na ponta dos pés por completo ou ficar na posição de cócoras de maneira confortável.

Mas apesar dessas limitações, com persistência na prática da dança, atualmente é possível que eu caminhe e/ou corra de maneira que não prejudique em demasia minha coluna ou tronco e é válido lembrar aqui que existem outros fatores que preciso ficar alerta e um deles é com relação ao ganho de peso, pois, quando estou de sobrepeso o primeiro lugar que dá sinal de alerta - dor - são os meus pés, estes que me carregam e aguentam as cargas das demandas diárias, mesmo com as suas funções limitadas. Sem dúvida, se não fosse pelos esforços que meus pais fizeram para que eu realizasse a cirurgia ainda bebê não seria possível que executasse minhas atividades artísticas da maneira que executo hoje. Então, por isso celebro:

### **Viva as mães, pais, pés e vamos dançar!**

Nesse “universo da dança” (como gosto de me referir), vivi inúmeras experiências e é o fazer artístico mais presente em minha vida. Da infância, (como é possível ver na figura 2), adolescência e é com ela que caminho até a atualidade, praticando bem menos, ainda pulsante em meu corpo. A todo instante recordando as inúmeras vitórias e frustrações durante esse percurso, uma me é muito marcante. Devido a minha limitação física eu nunca pude utilizar sapatilhas de ponta e recordo com um aperto no coração que na época era um grande sonho meu, mas hoje me questiono:

---

<sup>4</sup>Deformidade complexa que compromete todos os tecidos do músculo-esqueléticos distais ao joelho. O PTC é um dos defeitos congênitos mais comuns do pé; entretanto, sua patogênese ainda não foi totalmente esclarecida. (Braga, Santilli e Mertlotti, 2016).

<sup>5</sup>Os músculos fibulares são estabilizadores do tornozelo e auxiliam nos movimentos de flexão e extensão do pé. (Berloti, 2015).

## Será que era realmente MEU sonho ou me incentivaram a pensar que era?

O uso das sapatilhas de pontas, era algo muito esperado por todas as meninas que estavam ali fazendo parte do grupo de danças e que, historicamente era algo obrigatório às grandes e renomadas bailarinas clássicas. Professora Lilian ainda tentou de alguma forma incentivar e me ajudar a adaptar as sapatilhas para que pudesse utilizá-las, mas realmente foi inviável, meus pés não suportam o peso do meu corpo com a utilização de outro objeto que não seja sapatos (sem saltos).

Quando tinha 13 anos de idade demorei em ressignificar o fato de que uma bailarina não iria usar sapatilha de ponta. Com a mentalidade que possuía era algo inconcebível, ainda mais para alguém que esperou tanto tempo para que esse dia chegasse, mas no meu caso, não chegou. Um tempo depois de já ter aceitado ou não uso das sapatilhas fui enveredando por outros caminhos da dança e me destacando na dança contemporânea, que me possibilitou seguir o fluxo que meus pés conseguiam suportar, respeitando minha fisiologia e o desenvolvimento do meu corpo.

Com movimentos mais livres, fortes e com mais liberdade de expressão. Nessa modalidade da dança posso ampliar potenciais de criação e de movimentação, mas ainda percebia as limitações para realizar alguns movimentos devido ao meu peso o que ocasionava em algumas dores no pé e na lombar em decorrência do esforço excessivo que os pés não suportavam, mas ainda assim, me esforçava ao máximo para executar da melhor maneira, pois era a única atividade que praticava que me dava prazer.

Eliakim Pinheiro foi meu primeiro parceiro de palco e é um grande amigo até hoje. Na montagem inicial da coreografia eram três duplas, depois ficaram duas e por fim apenas nós dois que ainda nos apresentamos em outros locais, como por exemplo, na quadra da escola Coaracy Nunes e na igreja Jesus de Nazaré.



Figura 3: Doce namorados.

Considero marcante para minha trajetória artística, pois, é momento de transição. Anteriormente a este trabalho nós, alunas (os) éramos conduzidas pela professora a cada



passo em cada construção coreográfica, com este trabalho, pudemos nos auxiliar e juntos tivemos a oportunidade de pensar, pesquisar e construir este trabalho sem interferência da figura da professora. O papel dela, da professora, era de condutora de processo e não mais como comandante, onde apenas seguíamos o que ela ditava. Neste processo coreográfico, senti o desafio em expor minhas opiniões na construção do processo e de abrir mão de algumas ideias em detrimento da opinião coletiva.

Em se tratando de trabalhos e construções coletivas a dança na Escola Estadual Drº Coaracy Nunes, fluía muito melhor quando dividíamos trabalhos de maneira que não ficasse uma carga de responsabilidade apenas para a professora, por exemplo: Quando em época de festival ela ficava ensaiando com um grupo e nós – que éramos mais antigas e mais velhas, não apenas de idade como também de tempo de dança – ficávamos auxiliando outro grupo com seu ensaio. Além de as alunas e alunos que se dividiam em grupos para executar cada qual uma tarefa como: corte, costura, pesquisa, limpeza do espaço, divulgação e etc. Algo que também ocorria com frequência era que cada bailarina ficava responsável para cuidar de seus figurinos – customizar, cortar, lavar e guardar -. Promovendo através dessas pequenas-grandes atitudes o senso de responsabilidade.



Figura4: Baianá. Foto: Arquivo pessoal.

Tudo isso me faz lembrar uma segunda experiência extremamente importante para aprofundamento de meus conhecimentos para a dança, (voltando-me

especificamente para diferentes pontos de partida para criação de movimentos e partituras corporais.) Foi na coreografia Baianá, na qual, éramos nove mulheres planejando e organizando cada passo e cada contagem coreográfica. Nesta, tinha um homem – Eliakim Pinheiro - que aparecia ao final da coreografia tocando caixa de marabaixo e executando movimentos de capoeira que, contribuiu de maneira significativa no processo para a construção desse trabalho.

Com este trabalho já pude ampliar meus conhecimentos sobre pesquisas prévias a respeito de criação e produção de figurino, maquiagem e contexto histórico, para trazer para o palco não apenas a técnica que a dança possui, mas também mostrar a potência e força de um povo – no caso, das baianas -. Tivemos que pesquisar sobre essas mulheres, sua origem, história, vivências e vestimentas, além de participar de algumas aulas de capoeira, para aprimorar alguns movimentos e filtrar o que compreendíamos que pudesse contribuir para a coreografia, de maneira que abarcasse e que representasse de alguma forma o povo baiano e sua cultura.

A música utilizada foi “Baianá” dos Barbatuques. Com ela, participamos da competição no FIDA - Festival Internacional de dança da Amazônia, no ano de 2015. Evento de danças que ocorre em Belém do Pará, juntando vários bailarinos do Brasil e do Mundo. O que me leva a recordar que já realizei duas viagens junto com o grupo para o mesmo evento, algo que auxilia na minha autonomia pessoal, no estreitamento de algumas relações dentro do grupo e na ampliação de conhecimentos e saberes artístico.

Os trabalhos citados anteriormente – “Doce namorados” e “Baianá” - foram espaços mobilizadores para que eu buscasse mesmo que de maneira tímida, minha autonomia enquanto bailarina-interprete-criadora. Quando me refiro a essa autonomia, me refiro à liberdade de escolhas, seja sobre os temas das danças ou sobre de que forma executá-los. A professora se mantinha a todo instante nos auxiliando e acompanhando cada processo e avanço dentro e fora das salas de ensaio (acompanhava nosso rendimento escolar), essas ações valiosas foram de extrema importância para que eu viesse mais tarde lutar e buscar por melhorias não apenas nas coreografias, mas na qualidade da construção de cada trabalho.

Permaneci no grupo de danças de 2000 até 2015. Em 2016 fui aprovada em teatro e é a partir dos estudos que o teatro oferece que começo a questionar e analisar toda minha trajetória e sobre autoconhecimento corporal. No ballet clássico, especificamente na companhia Coaracy Nunes, em todas as aulas sempre tinha a professora direcionando e eu sempre repetindo o que ela fazia ou seguindo seus comandos, com isso, percebi que demorei bastante tempo cronológico (de maturação de



consciência corporal) para compreender e ter conhecimento crítico sobre a importância política e pedagógica da dança sobre meu corpo. Me faltou maturidade e vivência para pensar fora da caixinha e ir em busca de aprofundar os estudos na área. Afinal, praticava apenas uma atividade física e a percebia como um hobby ou como um momento para “queimar calorias.” Mas a dança é muito mais que apenas um hobby e exerce um papel fundamental na formação do indivíduo.

“dança educação cumpre um papel social, cultural e político primordial, colaborando para construção de indivíduos críticos, isto é, que questionam o meio em que vivem por meio da comunicação estética. Por isso, é importante considerarmos que a arte da dança estabelece uma relação que vai além de um simples liberar de emoções, ela envolve também o cognitivo e o físico, aflorando e despertando para novas descobertas que estão relacionadas ao contexto social ao qual o indivíduo está inserido.” Priscila Rodrigues (2015, p.10):

Os momentos citados anteriormente foram os que me permitiram seguir “meu” caminho (mesmo coletivamente) de produção. Considero-os fundamentais para o início desse processo de autoconhecimento corporal e abertura de novas possibilidades e florescer da minha criatividade.

Essa autonomia se potencializa cada vez mais quando eu começo, de fato, minhas pesquisas e estudos dentro do universo da dança, voltado a questões que tangem a importância da dança para processos cognitivos, que se materializa em 2013, quando estava no meu último ano da graduação em Pedagogia e fazia disciplina de TCC II e decido realizar minha monografia sobre dança, tinha como tema “O Ballet clássico e as suas influências para o processo psicomotor e cognitivo das alunas da Escola Estadual Drº Coaracy Nunes com idade entre 13 e 18 anos da Cidade de Macapá”.

Foi nessa monografia que reuni todos os arquivos teóricos e mais alguns outros estudos relacionados a temática, realizando ainda uma pesquisa de campo com o grupo. Essa última, foi essencial para a conclusão do mesmo. Qualifico-me com nota dez e essa é a minha primeira grande conquista acadêmica e trabalho teórico voltado para atividades artísticas.

Durante a pesquisa do primeiro TCC vou de encontro a relatos de experiência da bailarina Isadora Duncan<sup>6</sup> que é conhecida como bailarina livre, pois é ela que vem quebrar com os padrões da dança clássica, local este, que é muito instigante para a minha pesquisa, tendo em vista que enquanto artista esse é meu papel primordial. Quebrar padrões, reinventar e recriar. Isadora me inspira não apenas com sua técnica,

---

<sup>6</sup> Que se encontra em seu livro “Fragmentos Autobiográficos”.

mas também com seus fragmentos pessoais associados ao bailar da vida e fluidez pessoal. Ainda mais por ser mulher que revolucionou o cenário da dança.

*“Mi arte es precisamente un esfuerzo que tiende a expresar, en gestos y movimientos, la verdad de mi Ser”.<sup>7</sup>*

Quando ouço, leio e releio esta fala dela é impossível não recordar que a verdade do meu ser - trago para minha trajetória pessoal - está diretamente relacionada com os elementos da natureza e com tudo que o envolve. Aqui, me refiro diretamente à matéria principal e que é fonte desta pesquisa: minhas vivências vinculadas diretamente a minha trajetória artística. Ambas interligadas e sendo afetadas por questões sociais a todo instante, modificando meu corpo, meu fazer artístico e reflexão sobre a vida e seus acontecimentos.

## **Um corpo em constantes modificações e ressignificações o qual sofreu e sofre inúmeros atravessamentos diante do fazer artístico.**

*Ana Daniely Tavares da Silva*

“o corpo não é (mais) um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda informação que chega entra em cruzamento, e não há lugar onde as informações são apenas abrigadas.” (Greiner e Katz, 2005. pág.07).

### **1.3.VENTRE: CASA DA ARTE**

O ponto de ebulição para minha redescoberta e empoderamento corporal foi no ano de 2014, quando em fevereiro, havia finalizado minha graduação em licenciatura em pedagogia e me descobri gestante. Na época não tinha dimensão do quanto minha vida iria modificar e muitos mais desafios iriam surgir. Abracei o desafio e mantenho uma relação de amor e ódio diária com a função de ser mãe.

### **Mas afinal, o que isso tem a ver com a dança e teatro?**

Respondo que, assim como a dança foi a engrenagem que movimentava minha vida e assim como Isadora Duncan citada por Azevedo (2004) acredita que “para dançar, era preciso ligar o “motor da alma”; é dele que se irradia luz e faz vibrar e

---

<sup>7</sup>“Minha arte é precisamente um esforço que tende a expressar, em gestos e movimentos, a verdade do meu ser.”

mover cada parte do corpo”, quando me descobri gestante, meu filho passou a ser essa engrenagem, essa luz que iria acender inúmeras outras possibilidades de enxergar a vida. Aceitar essa mudança não foi caminho fácil e muito menos maravilhoso, como normalmente se romantiza uma gravidez.

Recordo que quando praticava ballet clássico e a dança contemporânea também tive momentos de “dores e delícias”<sup>8</sup> e mesmo com os intempéries não desisti e me mantive dançando, pesquisando e ampliando conhecimentos nessa área, inclusive durante meu período de gestação, parto e puerpério<sup>9</sup> decidi permanecer dançando mesmo com todos os desafios porque o fazer artístico acende em minha alma a luz que traz a esperança ao meu corpo. É me movimentando que me sinto mais viva. Neste local onde suor e cansaço se entrelaçam eu retiro forças de um local ainda desconhecido, mas que sei que habita em meu ser e me motiva para continuar dançando e produzindo arte.

Gestar, em um primeiro momento foi assustador, mas com o tempo se tornou um desafio bom de ter aceitado. Assim como quando adentro no curso em licenciatura em teatro, sinto receio, medo, encaro os desafios e agora me sinto contemplada em muitas disciplinas, não apenas pelo seu conteúdo, mas por toda mudança que provocou em meu corpo. Um ótimo exemplo é a disciplina de Expressão Corporal, que trouxe à tona lembranças adormecidas, sensações que desconhecia, mas que quando acessei pude ressignificar através dos exercícios e ir adaptando meu corpo à situação que antes era desconfortável.

Maternar é um pouco mais delicado, mas com auxílio de minha rede de apoio, que são pessoas de minha confiança – pai do meu filho, minha mãe, tia, avô, irmãs - que me auxiliaram e me apoiaram durante a gestação, parto e pós-parto, se tornou possível e prazeroso. Com isso fui me redescobrendo, enquanto mulher, mãe e artista, porque afinal de contas conseguia compreender que estava tecendo arte, adentrando e experimentando outras vertentes e formas de enxergar as possibilidades de fazer artístico. Durante muito tempo tinha o pensamento **“minha vida é cercada de artes, tudo que me propus a fazer até o momento envolve as artes”** e, durante a gestação, encontrei um momento ímpar de vislumbrar e perceber a arte com outros olhos e pude focar em alternativas para permanecer dançando.

Depois do parto precisei ficar de repouso por um mês, mas depois decidi retornar as aulas de ballet por amor e bem estar. Meu corpo sentia falta nos dias que não

---

<sup>8</sup>Parafrazeando a música Dom de Iludir, Gal Costa.

<sup>9</sup> “Período do parto e do sobreparto”. fonte: <https://www.dicio.com.br/puerperio/>

praticava e na sala de ensaio não parava um minuto, a todo o momento me alongando, dançando, experimentando. Uma vontade de estar sempre em movimento que permanece viva comigo até hoje e é o que permeia toda minha gestação, parto e maternidade, momento este, que não posso deixar de citar, pois modificaram toda minha rotina frenética de atividades físicas e diárias. Porém, mesmo durante os nove meses de gestação me mantive bailando, caminhando e praticando yôga.

Quando estava com 3 meses realizei minha última apresentação no Teatro das Bacabeiras, localizado na Rua Cândido Mendes, 1087 no bairro Central da cidade de Macapá – AP. Mesmo depois desse evento continuei indo para as aulas até completar os 10 meses de gestação. Durante a gestação descobri os benefícios da dança para o parto e durante este momento rebolava e andava de um lado para outro na casa. Tive parto domiciliar e pari de cócoras apoiada com os dois braços na rede e sem dúvidas posso afirmar que manter minha rotina de aulas de danças contribuíram para fortalecimento do meus músculos corporais – porquê parir de cócoras era a última posição que eu imaginava utilizar, tendo em vista minha limitação com o pé -, incluindo do assoalho pélvico, bem como para minha saúde mental.

#### 1.4. A ARTE DA MATERNIDADE

O filho cresceu um pouco e fomos para o **sling**, que é um carregador de bebê ergonômico que respeita a fisiologia e desenvolvimento da formação da coluna do bebê, uma ótima e recomendável alternativa ao ‘canguru’<sup>10</sup>

Para o neném causa a sensação de ainda estar na barriga da mãe. Com o uso do sling ocorre um processo que chamamos de extero-gestação que é a



Figura 5: Roda Gaia. Foto: Ramon Sena

continuidade gestacional fora da barriga. Promovendo para as mães conforto, segurança possibilidade de livre movimentação das mãos e braços. Esse tecido de 5m que enrolamos em volta de nossos corpos é o que nos possibilita mais mobilidade, segurança e autonomia para realizar tarefas diárias sem auxílio de terceiros. É um pano quentinho igual colo de mãe, aconchegante que nem

<sup>10</sup>Imagem retirada da internet.

abraço em dia de chuva e seguro, igual um olhar de acolhimento. Considero fundamental falar sobre o sling, pois a dança materna só se tornou possível graças a sua existência.



Figura 6: Mães Ticunas carregando bebês. Foto: Márcia Ribeiro.

“lembrar” a sensação de útero me soa um tanto poética e me lembra das mulheres indígenas que carregam seus curumins<sup>11</sup> junto ao corpo.

A possibilidade dessa descoberta de dançar com meu bebê só foi possível com a utilização deste material, mas existem danças maternas onde: Se carrega o bebê nos braços, sentadas em roda - as mães colocam as crias em seu colo e movimentam seu



Figura 7: Maternar e Bailar no Franco Amapaense. Foto: Priscylla Resque Monteiro que é a professora de danças da Companhia Coaracy Nunes e ela nos auxilia - nós, grupo de mães<sup>12</sup>- em uma primeira aula, depois eu assumi o restante do processo e

Com seus vários tamanhos, cores e formas, esse tecido me remete a versatilidade, praticidade e conforto, não apenas para a mãe, mas para o bebê. Sua função de

corpo - ou soltam um neném que já engatinha ou anda no chão e tentam reproduzir todos os seus movimentos que ele executa.

No caso, pensando em dar início as aulas de dança materna, decido por entrar em contato com a minha mestra, Lilian

<sup>11</sup> Menino de pouca idade; garoto ou rapaz. Fonte: <https://www.dicio.com.br/curumim/>

<sup>12</sup> Aqui me refiro ao Ciranda Materna - grupo de apoio à gestação, parto e maternidade de Macapá, do qual sou co-fundadora e coordenadora.



das aulas e, assim, juntas damos origem ao grupo de danças materna “Maternar&Bailar”.

O grupo é composto por mães, ativistas a humanização do parto, nascimento e direitos reprodutivos e sexuais da mulher. São mulheres que querem executar alguma atividade ou apenas sair de casa para passear e encontrar outras mulheres, mas que não tem com quem deixar os filhos ou querem praticar a dança junto com os filhos.

No período de origem do grupo tinha muitas mães de nenéns recém-nascidos, período este, em que, fiquei na ânsia de retomar minhas atividades na dança e voltar a me movimentar. Atualmente, o grupo já teve várias formações, muitas mães já entraram e saíram, mas eu sempre permaneço. Maternar & Bailar já ganhou grande proporção e hoje participamos de eventos promovidos pela prefeitura, por faculdades e em eventos maternos pela cidade.



Figura 8: Primeira aula do grupo com a Professora Doutora Lilian Monteiro. Foto: Priscylla Resque

A criação do grupo foi a maior conquista para todo o meu processo artístico e materno, mas mais ainda para minha saúde mental. Pois quando estávamos reunidas

dançando era momento de reconexão com meu corpo, bem como momento de estreitar os laços com as mulheres que participavam. Incentivando meu filho à práticas saudáveis e mantendo-o em vivência com outros nenéns.

Após o período de gestação eu tive um abalo gigantesco na auto-estima e grandes oscilações de humor, passei por um período longo de baby blues<sup>13</sup>, no qual, somente depois de um ano que meu filho nasceu é que fui me atentar para cuidar da minha saúde e do meu corpo, quando olhei-me em uma foto e não me reconhecia fisicamente. Estava com 80 kilos e simplesmente não percebi como havia alcançado aquele peso. Fiquei tão focada nas questões maternas que me anulei e só depois de algum tempo que passei a desconstruir muitas crenças limitantes relacionadas à maternidade e ao ser mãe.

Assim, adentro em outro processo físico, mental e de aceitação desse corpo que agora possui estrias, está flácido e cansado pelas demandas maternas e se torna limitado devido à falta de prática de exercícios que exigissem mais força física. A dança materna me auxilia nesse processo de maneira que consigo retomar a consciência corporal e me manter minimamente saudável.



Figura 9: Marabaixo na FAMA. Foto: PriscyllaResque

Com o uso do sling não podíamos fazer movimentos bruscos e devido a isso, nós começamos com aulas de ballet clássico básicas e vamos adaptando os exercícios de acordo com as nossas possibilidades físicas. Aqui, neste ponto é importante lembrar que tinham mães que passaram por cesáreas, a estas, era necessário mais cautela, pois a amarração do sling fica em cima da pelve, no local onde geralmente são feitos os cortes da cirurgia, mas com o tempo e avanço das aulas vamos realizando outros ritmos de danças como jazz, dança de salão e danças

---

<sup>13</sup>Poucos dias após o parto, muitas mulheres passam por um período de melancolia, tristeza e fortes alterações de humor, também conhecido como “blues puerperal” ou “baby blues”. (Pires, 2018)

populares, como coreografias de festa junina e marabaixo<sup>14</sup>. Traçando e discutindo no grupo questões pertinentes sobre a nossa cultura e de outras regiões, mas também sobre apropriação deste corpo materno, que ainda sente vontade em estar em movimento e que sente que através da dança é possível resgatar a sensualidade feminina. Comprovando assim o valor material e imaterial da dança.

As músicas e coreografias que apresentávamos eram pensadas e construídas de maneira coletiva, meu papel nesse processo é como condutora, parceira para a construção do trabalho, guia, logo espaço de construção coletiva, nossos acordos começavam desde o momento em que precisávamos decidir os dias, local e horários para ensaio, tendo em vista que a rotina de cada mãe com seu neném é única e era fundamental para o processo eu estar sensível a estas questões



Figura 10: Dia das Mães na igreja Shurch. Foto: arquivo pessoal

Os figurinos são pensados de maneira coletiva e, assim, como as demais decisões devemos sempre respeitar a nós e ao neném, porque o sling devido ao contato com o corpo materno esquenta e algumas crianças sentem calor em demasia e também

precisavam ser amamentados, então sempre que pensamos em figurino temos que pensar em roupas que sejam fáceis para deixar os seios livres quando o bebê demandasse ou que não oferece muito calor ao neném para que ele também se sentisse confortável e feliz durante a dança, afinal, deve ser uma experiência prazerosa para ambas as partes, assim como em algumas as relações da vida.

O grupo, atualmente, só se encontra para ensaios de apresentações eventuais e não mantém mais a formação inicial, devido as crianças já estarem com 4 a 5 anos e algumas mães não conseguem mais carregá-los no sling, eu mesma sou uma dessas mães. Mas então será que não seria o caso de pensar em outras formas de incluir a dança de acordo com essa faixa etária? Ou então de dar início a algum projeto de teatro voltado para mães e crianças? Muitas são as idéias e questões que me motivam a

---

<sup>14</sup> O Marabaixo é uma forma de expressão elaborada pelas comunidades negras do estado do Amapá, manifestada especialmente por meio da dança e das cantigas denominadas ladrão, espécie de poesia oral musicada a partir dos toques das caixas, instrumentos de percussão produzidos pelos próprios tocadores. IPHAN, 2018.



permanecer praticando arte, mas sem dúvida algo que ampliou meu campo de atuação artístico foi a aprovação no curso de licenciatura em teatro.



Figura 11: Arraiá Ciranda Materna. Foto: Natacha Vilhena.

### **1.5. TEATRO É VIDA: A arte pulsa em meu corpo.**

Antes de adentrar no teatro tinha muitas dúvidas e curiosidades, depois que comecei a fazer parte elas só vem aumentando com o tempo. Em 2016 recebo a notícia inesperada de minha aprovação no curso de licenciatura em Teatro na universidade federal do Amapá, (é inesperada, pois fiquei sabendo através da minha prima. Me inscrevi, mas não imaginava que iria ser aprovada). Foi uma grande surpresa e uma grande conquista também. Nesse percurso, quando dentro do curso o que ocorre durante as aulas é a redescoberta, adaptação do meu corpo, desconstrução e construção de conceitos, técnicas e metodologias para o ensino de teatro.

Considero que o contato com o teatro foi e ainda é extremamente desafiador em muitos aspectos, mas é como diz o ditado “com grandes conquistas vêm grandes responsabilidades” logo, muitos desafios, principalmente pelo despertar corporal que a prática veio/vem a me proporcionar a cada vivência, ativando emoções e sensações, que estavam “adormecidas”. Promove aberturas de espaços corporais internos e externos que até o momento eram desconhecidos.

“Os principais efeitos corporais perceptíveis durante uma resposta emocional são: alterações do ritmo cardíaco, da temperatura corporal, da atividade respiratória e da circulação sanguínea periférica. Tais mudanças corporais de origem emocional possuem um papel indiscutível na comunicação entre os seres vivos” (CALVERT, 2014. pág. 239)

Compreendo a importância dessas emoções para as relações e para eu comunicar algo através das artes do corpo. No teatro aprendo que nem sempre precisa de fala,

música, ritmo ou compasso, para comunicar algo, na maioria das vezes o que precisa é eu estar de corpo presente e latente em cena, na rua ou onde quer que seja. Algo que me deixou muito intrigada e curiosa no início do curso, foi a possibilidade de atuação em locais diversos pelas cidade. Adentro no curso com meus conhecimentos prévios e algumas oficinas de circo e palhaçaria na “bagagem”, com idéia fixa de que teatro só se apresentava em teatro.

Foi então que, no decorrer das primeiras aulas, fui desconstruindo esse pensamento, quando, na disciplina de Espaço, Corpo e Movimento, minha turma teve, ensaios e apresentação do experimento cênico “Elos(in)versos”, na Praça Veiga Cabral, localizada na Rua São José, no centro da cidade de Macapá-AP. Percebo, então, que é necessária a ocupação de espaços cotidianos e extra-cotidianos, para que não fiquemos restritos apenas às salas de aula. Transformar assim, esses espaços em laboratórios, locais que possibilitem investigação e exploração do corpo do ator.

No meu caso, busco investigar também o processo de desconstrução do corpo de bailarina, que possuía alguns vícios, devido aos trabalhos com a dança. Também, descoberta de novas possibilidades de movimentações, bem como, investigando meu corpo na construção de processos cênicos. Nesse local de investigação, que costumamos chamar de sala de ensaio ou laboratório, é que me proponho a descobrir maneiras de movimentação e improvisação mais livre, que fujam de alguma forma das normas sociais pré-estabelecidas, saia do corpo cotidiano e vão para um corpo extra-cotidiano, ainda desconhecido. Busco algo que me instigue e desafie na ressignificação e redescobertas do corpo que, compreendo ser mutável e inconstante, que passa a todo momento pelo processo de vida-morte-vida interno e o teatro me proporciona esse espaço e essas vivências.

Importante ressaltar que o fazer teatral se desenvolve não somente na teoria, mas principalmente na prática, em salas de ensaio, nas ruas, apresentações e na vida cotidiana em geral, pois é diante deste fazer que vamos nos descobrindo e compreendendo novas formas de reler o mundo sob as mais variadas perspectivas, com isso, a importância de se autoconhecer e se investigar nesse processo de criação cênica e nas demais ações da vida.

Caminhando um pouco mais além, arrisco dizer que é crucial e muito importante para mim conhecer meus antepassados – avós, avôs e aos povos originários da Amazônia– e me questionar sobre a influência destes em meu corpo e em minha história. De que forma eles me influenciam com seus ensinamentos? Como suas vivências refletem em minha história pessoal e artística? Meu corpo carrega essa

herança para além das semelhanças físicas e visíveis. Mostro isso através de meus trabalhos.

## 2. GRANDES (transform)AÇÕES

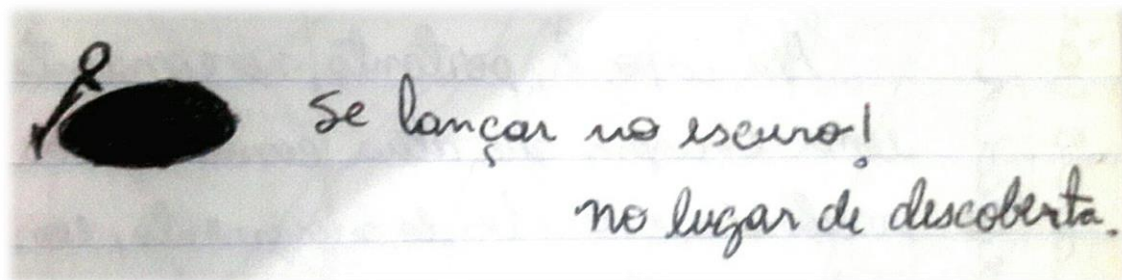


Figura 12: Rascunho pessoal de diário de bordo.

O fazer teatral me proporciona reflexões sobre minha existência e das outras pessoas que convivem comigo. Através do movimento, do barulho, ruídos e do silêncio, a cada aula, jogo e/ou exercício proposto, lanço meu corpo no espaço e ele se modifica de acordo com a minha disponibilidade para a realização do exercício. Assim também funciona a dinâmica da vida. Em alguns momentos, mais animada e disposta, em outros, nem tanto, mas sempre se fazendo necessário agir e reagir. Corpos se mantendo ativos, frente à opressão e seguindo rumo a evolução. Neste capítulo irei tratar especificamente sobre os trabalhos que me atravessam fortemente e contribuem no meu processo artístico e pessoal, tendo em vista que, são meus primeiros trabalhos com a linguagem teatro.

Arriscando e encarando os desafios que apareciam, de acordo com as minhas possibilidades e limitações. Respeitando meu corpo e processo de aquisição dos conhecimentos. Novos desafios, medos e inseguranças que me lanço, me “jogo no escuro”, abraço o desconhecido e me retiro de minha zona de conforto, sempre com o intuito de evoluir. As disciplinas ofertadas na graduação me dão subsídios teóricos e práticos, cênicos e metodológicos. Que amplia o repertório de ensino- aprendizagem e de condução de processos cênicos.

### 2.1 Além do Rio

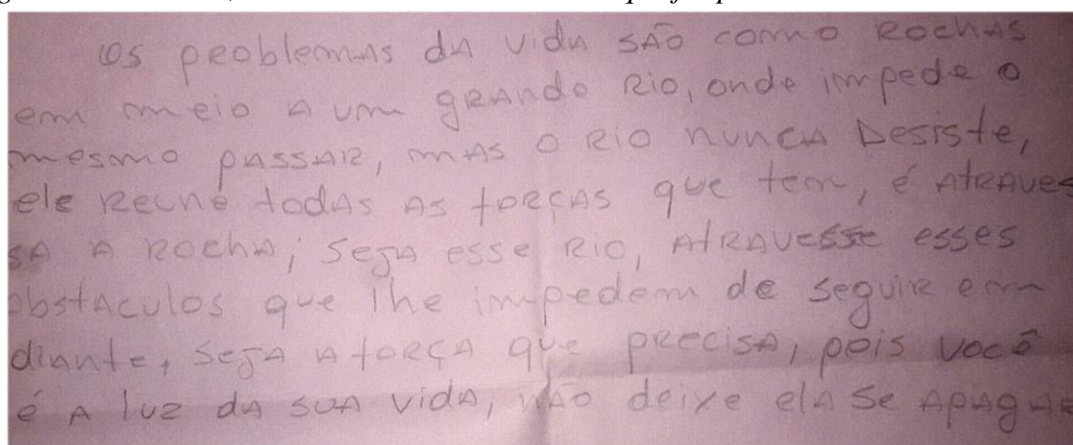
A disciplina “Interpretação II” ocorreu no quarto semestre do curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Amapá. Foi conduzida pelo professor Raphael Brito, nela trabalhamos com o texto de Agostinho Olavo, “Além do Rio” que é uma adaptação da tragédia grega Medeia, de Eurípedes, escrita a partir do

mito. Esse experimento contribuiu de forma significativa para o meu processo de empoderamento artístico e pessoal. Despertou mais ainda a força feminina que existe em meu ser, dilacerando e potencializando meu fazer. Nesse experimento cênico nós discutimos e debatemos sobre questões de gênero, raça, cor e credo.

Iniciam-se as aulas com práticas e exercícios direcionadas para acessar memórias que estavam no corpo, além de articulação e gesticulação da boca para preparação do trato vocal e memorização de textos diversos. A escolha pelo texto é proposta pelo professor por perceber durante o percurso das aulas os corpos que se mostravam, então lançou a proposta e a turma em consenso abraçou e nos lançamos a experimentar e aprofundar. Esse experimento passou por diversos processos de construção e ressignificação, ocorrendo seminários práticos e mini-amostra de processo dentro da disciplina. Processo de experimentação em torno do nosso rio interno que com a condução do professor íamos executando movimentos que lembrasse o rio, no caso, nossa referência o Rio Amazonas. Rio que corre em frente a nossa cidade.

Na mesma época, próximo à finalização, alguns alunos da turma realizaram mobilidade acadêmica e com isso, tivemos que redistribuir os personagens e as cenas, além de outras situações pessoais com os demais alunos, que tiveram que se ausentar. Preciso fazer um breve recorte para contar sobre situações pessoais que me ocorreram e que interferiram diretamente no meu processo dentro da disciplina:

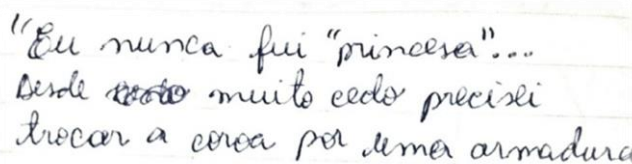
*Acontece de eu romper com o pai do meu filho. Esse momento de ruptura afeta meu emocional e psicológico, pois, eu me retiro da casa e decido deixar meu filho com o pai e avó paterna. Decisão sensata, pois lá tem mais estrutura e condições financeiras para ele se manter. Eu volto pra casa da minha mãe. Mas mesmo sabendo que ele estava bem e seguro, me afligia a distância. Desencadeando dois episódios de síndrome do pânico, ansiedade e tristeza em excesso. Ao perceber a gravidade da situação, que estava afetando meu rendimento acadêmico iniciei na terapia, com o intuito de ir me reerguendo. Com auxílio e apoio dos meus colegas em conjunto vou compreendo mais ainda o quão minha situação estava delicada e com todo carinho eles me abraçam e acolhem, vou me motivando e lembrando os diálogos em sala sobre o rio e sobre sua força, trazendo para meu corpo esse rio e sendo ele. Um rio que rompe e enfrenta grandes barreiras, como cita Bea em uma carta que fez pra mim.*



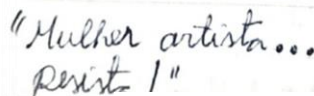
os problemas da vida são como rochas  
em meio a um grande rio, onde impede o  
mesmo passar, mas o rio nunca desiste,  
ele reúne todas as forças que tem, e atravessa  
a rocha; seja esse rio, atravessando esses  
obstáculos que lhe impedem de seguir em  
diante, seja a força que precisa, pois você  
é a luz da sua vida, não deixe ela se apagar

Figura 13: Carta saudade

O espetáculo é de fato divisor de águas, para fortalecimento emocional e para questões do empoderamento da mulher, da mulher negra, do feminismo e desmistificação do arquétipo da mãe boa demais, nos trazendo a clareza de que além de mãe, Medeia é mulher, que com sua ira foi capaz de se vingar do homem que a maltratou. Assuntos que



"Eu nunca fui "princesa"...  
Desde ~~logo~~ muito cedo precisei  
trocar a coroa por uma armadura



"Mulher artista...  
Resist 1"

Figura 14: Rascunho pessoal de diário de bordo.

considero serem extremamente cruciais e que são necessários para minha construção social e enquanto mulher, mãe, feminista e artista. Sinto-me na obrigação de obter conhecimento acerca da história de lutas e conquistas das mulheres para retomar ao meu local de fala e, ocupar espaços e cargos que por muito tempo disseram que não poderíamos estar presentes.

Essa experiência coletiva, no qual, onde a maioria do elenco era composta por mulheres - contribuiu para avivar e potencializar minha criatividade, impulsionando uma pesquisa voltada mais para performance. Atrai-me pensar e pesquisar o corpo feminino executando ações que confrontem o patriarcado e tudo que nos é imposto, traçando reflexões sobre os tabus a sexualidade feminina. Além de estar pautando questões sociais voltadas às mulheres e que partem de minhas vivências, questionamentos e indagações pessoais.

Cutucando feridas e remexendo no passado e no presente na tentativa de ressignificar algumas emoções, lembranças. Gritando com esse corpo em cena sobre temas como feminicídio, sexualização do corpo feminino, estupro, objetificação do corpo da mulher, entre outras temáticas. Minhas ações têm total relação com meu processo de autoconhecimento, resgate dos conhecimentos e vivências das mulheres que nasceram antes de mim, assim como, de mulheres benzedeiras, curandeiras e parteiras. Influenciando diretamente minhas escolhas cênicas e auxiliando no desenvolvimento do meu processo artístico.

## 2.2. Amar.ras

*Quais são minhas amarras? O que me impede de sair desse relacionamento abusivo? Amar minhas amarras? Carregar amarras que não são minhas? Quem coloca essas amarras? Por que me sinto presa a elas? Será que elas me prendem Oueu as prendo em mim?*



É partindo dessas e de outras indagações, inquietações e questionamentos que em 2017 me desafio a produzir e a mostrar meu trabalho. Lançando minha primeira performance. No Festival Corpus Urbis que,

“é um festival de performance/intervenção urbana que busca promover intercâmbio entre artistas de todo Brasil e exterior, realizando ações pelas ruas da cidade de Macapá em seus pontos mais significativos como a fortaleza de São José, o monumento Marco Zero do Equador e Praça da Bandeira. O festival sempre foi pensado para ser um evento que agrega performance e intervenção urbana em lugares específicos e busca dinamizar as relações público, artista e quem se interessar em participar e dialogar com estes espaços e com as problemáticas que o permeia”. (CATALÓGO CORPUS URBIS, 2018. Pág. 04)

Com a participação do ator Marcos Sales (na figura 15) e filmagem, produção e edição de vídeo de Waleff Dias, “Amar.ras” é nome da ação com a qual eu dou início a pesquisa em performance. A proposta é que Marcos me amarre, amarre esse corpo com um fio. Ao fundo é projetado um vídeo com a mão de um homem enrolando uma flor minuciosamente até o seu topo e depois puxando o fio abruptamente até destruí-la.



Figura 15: Performance Amar.ras. Foto: Arquivo Pessoal

O que me move a pensar nessa ação era o fato de eu estar saindo de uma relação abusiva, no qual comecei a me questionar em que momento eu decidi me manter nesta relação, mesmo diante de tantas problemáticas. É então que começo a participar de rodas de conversas com mulheres e buscar terapia para conseguir encarar a problemática. Encontro a performance como uma forma de ação para mostrar o que estava sentindo e que estava obstruindo meu fluxo de produção artística.

Essa ação também foi parte da finalização de um ciclo na minha vida, para iniciar outro momento: em que estava percebendo e refletindo sobre relacionamentos abusivos em várias instâncias e níveis, sobre o quanto nós mulheres fomos “ensinadas” a nos silenciar, a aceitar sermos silenciadas e a aceitar amor de qualquer forma, que humilha e maltrata, mas ainda sim, permanecer nessa relação, mesmo que violenta. Nós,

mulheres estamos nos reerguendo, com informação e apoio de outras mulheres estamos virando esse jogo e tomando as rédeas de nossas vidas e lutando contra todo tipo de violência.

Depois dessa ação comecei a compreender que a cada exposição que eu realizava ampliava meus horizontes criativos, compreensão do meu corpo no mundo e relação com outras pessoas. Com essa ação, - que considero ter sido ponto de partida para as outras que vieram na seqüência - não foi diferente. Percebi que encarar as pessoas, de frente, sendo eu e não uma personagem possibilitou com que cada vez mais me empoderasse do meu processo artístico e pessoal, pois já comecei, a partir desse momento a conhecer e conversar com outras mulheres, inclusive estudantes de outros cursos sobre assuntos pertinentes ao corpo da mulher, seu papel na sociedade e em outros diversos âmbitos.

“Esta é a potência da performance: desabituar, des-mecanizar, escovar à contra-pêlo. Trata-se de buscar maneiras alternativas de lidar com o estabelecido, de experimentar estados psicofísicos alterados, de criar situações que disseminam dissonâncias diversas: dissonâncias de ordem econômica, emocional, biológica, ideológica, psicológica, espiritual, identitária, sexual, política, estética, social, racial[...]” (FABIÃO, 2008. pág. 237)

A proposta inicial da ação era trazer essas dores que carregamos ao longo de relações conflituosas, para o corpo físico, de forma que essa pessoa que me “amarra” se tornasse a dor, de forma física, concreta. No caso, um homem. Que representa também essas amarras que escolho me manter presa em determinadas situações por dependência emocional ou financeira. Essa primeira apresentação foi realizada na UNIFAP – Universidade Federal do Amapá, mais especificamente na galeria do DEPLA – Departamento de Letras, Artes e Jornalismo.

Apresento ainda, pela segunda vez na *17ª Viada Cultural*, evento que ocorre dentro da programação da *Parada do Orgulho LGBT*, na praça do coco na cidade de Macapá-AP, duas experiências completamente diferentes e que me marcaram de formas singulares. A primeira em ambiente fechado, com alunos da universidade eu me sentia de certa forma mais protegida e segura. Pois, várias mulheres virem me desamarrar e começam a amarrar o Marcos, e vai me soltando e si soltando, até que ele fica completamente preso e eu livre. Após a ação em diálogos com algumas pessoas uma amiga diz: “Que escroto o que aconteceu! Poderíamos apenas ter desamarrado a Dani e deixado o Marcos livre, porque afinal de contas ele é homossexual e deve se sentir preso por várias questões”. Essas reflexões que surgem após a ação me mobilizam a

permanecer pesquisando e a executando em outros locais de ações e de diferentes formas.

Por isso que decido experimentar na rua e, é então, que meu corpo se tenciona. Impossível não sentir medo do desconhecido, pois pessoas diversas se fazem presente no evento e não sei o que pode ocorrer, mas me lanço ao desconhecido e encaro meus medos, tendo em vista que, o local da performance assume o perigo. Uma situação me marca muito neste dia que apresento na rua: Um rapaz pega um pedaço do fio e prende minha boca. Essa ação traz a tona inúmeras lembranças das tantas vezes que fui silenciada por outras pessoas e das vezes que eu me calei diante da opressão, me fazendo refletir que aquele espaço da performance para além de ser um momento de exposição desse corpo e suas situações particulares, era espaço de reflexão sobre o viver, ser agir no mundo.

Ao final da ação o rapaz vem e diz: “Me desculpe, não tinha entendido que ele estava te prendendo.” Eu apenas disse que estava tudo bem e sorri sem mostrar os dentes, mas minha cabeça estava cheia de reflexões. Compreendendo cada vez mais que a performance é “uma experiência, por definição, determina um antes e um depois, corpo pré e corpo pós-experiência.”(Fabião, 2009. Pág 237).

Para minha surpresa e alegria em 2018 é lançado um catálogo do Festival Corpus Urbis com todos os registros das ações que ocorreram em 4 anos de existência do festival e esse trabalho foi publicado neste catálogo. Algo que me motiva a participar de mais eventos dentro



Figura 16: Amar.ras. Fonte: Catálogo Corpus Urbis.

e fora da cidade, não apenas com ações presenciais, como também, através de vídeo performance e vídeo arte.



### 2.3. Corpo-árvore

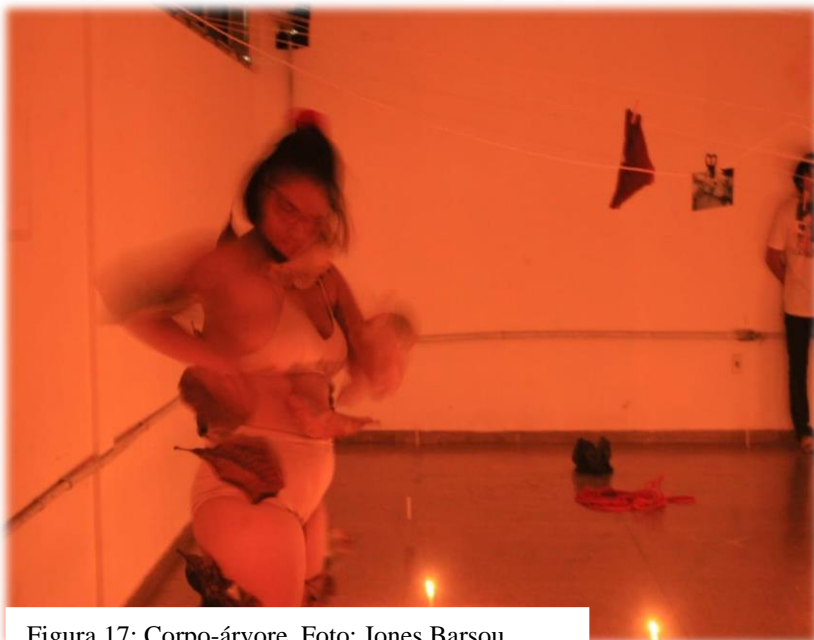


Figura 17: Corpo-árvore. Foto: Jones Barsou.

Muitas são as motivações para seguir produzindo e muitos desafios, nesta segunda ação que ocorreu na disciplina de Prática Pedagógica IV o desafio era mergulhar mais fundo em mim mesma, passar mais tempo sozinha e percebendo de fato, quem eu era e que corpo era esse que tanto eu sentia vontade de mostrar? A disciplina propõe a exploração das nossas “peles”, internas e externas, assim com a exploração dos quatro elementos da natureza. Nós realizamos exercícios práticos em espaços da universidade com árvores, na piscina, em contato com fogo e com o ar.

Esse trabalho foi apresentado na Galeria de Artes do DEPLA – Departamento de Letras, Artes, Teatro e Jornalismo. É dessas explorações com os elementos da natureza que decido utilizar dos recursos das folhas secas e de uma mala vermelha, na qual, trago essa “carga”, na qual, mergulho durante a ação que se chama *Corpo-árvore*. É uma ação homenagem às minhas avós e às mulheres que vieram antes mim e que me engrandecem com seus saberes e conhecimentos sobre as plantas e sobre o mundo delas. Representando essas mulheres “velhas” através das folhas e a mala trazendo essa carga de vida que durante a ação tento incessantemente grudar em meu corpo. As velas são o fogo da inspiração que se mantém ativa em nossos ventres.

Estando imersa no universo do sagrado feminino, percebo a importância de “fazer as pazes com a mulher velha que habita em meu corpo e com as mulheres que vieram antes de mim. Processo que necessita retomar conhecimento sobre nossos corpos e processos cíclicos.

“ao nos conectarmos com a sabedoria ancestral feminina, relembramos da nossa ligação com a Natureza, a Lua e a Grande Mãe, o que nos ajuda a abrir os antigos canais da nossa intuição e de comunicação com o nosso coração, despertando também o poder criativo do nosso ventre. Passamos a viver uma espiritualidade autêntica feminina, baseada na essência da mulher e que leva em consideração os nossos ciclos, nosso corpo, nossas forças e habilidades,

nossas flutuações hormonais e tudo o que faz parte do universo feminino.”(BREENER, 2018. Pág. 06)

Quando decido romper com a relação que tinha e com a vida que considerava agradável, ocorre uma confusão mental e física. Preciso me restabelecer e voltar ao meu eixo. É então que, através de um grupo de amigas, tenho contato com o livro “Mulheres que



Figura 18: Corpo-árvore. Foto: Jones Barsou.

correm com os lobos” e “Ciranda das mulheres sábias”, ambos, da autora Clarissa Pikola. Estes, foram grandes mobilizadores para ir adentrando cada vez mais no processo de reconexão comigo e com meus ciclos, além de estar em roda com outras mulheres que estavam em busca desse reencontro consigo mesmas. Esse momento de reencontro com essas mulheres é o espaço no qual encontrei acolhimento e conforto para ir reencontrando minha energia e vontade de viver, tomando consciência da importância que o resgate das histórias de vida das mulheres que vieram antes de mim possuía de força e o quanto era necessário estarmos unidas.

Conhecendo minha história e das mulheres que vieram antes de mim, eu pude me fortalecer e utilizar de seus ensinamentos para modificar padrões sociais limitantes que impediam meu avanço pessoal e profissional. Pois acredito que conhecer “meu passado” é essencial para compreender o quanto elas interferem em minha vida, para a partir disso pensar onde estou e para onde vou.

Mergulhando mais fundo na pesquisa eu entrevisto minha avó materna que me conta sobre suas vivências, relação com a sua mãe e com a cidade de Macapá. São muito presente em seu discurso situações como plantio e trabalhos manuais, com lavagem de roupa e carregamento de madeira para realizar construções.

“Minha mãe tinha uma horta com vários tipos de alface e outras verduras, quando estava na época, ela fazia o plantio e saía vendendo de porta em porta e eu ajudava quando estava de folga da escola. Coisa que eu fazia com muito gosto, além de

também ir entregar as roupas que ela passava. Porque além da horta ela era passadeira daqueles doutor da época.”

Em poucos minutos de conversa com ela é perceptível a precariedade da época e o esforço que faziam para se manter financeiramente. Estando o trabalho com as plantas muito presente em sua vivência, ela me conta ainda “mamãe fazia também aquelas garrafadas que era pra pessoa quando tava ruim da barriga ou com algum mal estar no corpo, coisa espiritual também, na época as pessoas acreditavam mais e iam lá a casa com ela pedir e ela sempre fazia.” Comento com ela sobre o quanto esses saberes manuais e intuitivos estão se esvaindo e as pessoas estão indo mais em busca de remédios do que plantas, ela me interrompe “é minha filha, agora nós somos proibidas de fazer as coisas por que tem riscos”.

Referindo-se ao saberes médicos que foram fortemente implantados com o avanço da cidade e da população, retirando dessas mulheres a confiança que tinham de que seus tratamentos iriam dar certo. Exemplo claro é o fato de que, antigamente, me recordo, quando era criança, que ela fazia uma mistura com mel, banha de galinha e alho, enrolava no dedo um pedaço de algodão, melava o algodão nessa mistura e mexia a garganta. Era “tiro e queda”, se a pessoa estava com garganta inflamada. Atualmente, ela não faz mais, porque tem medo de que possa dar alguma complicação. A minha outra avó, por parte de pai, ainda faz, mas sempre com um receio e sempre pergunta: “*tu quer mesmo que eu faça?*”. Essa conversa está registrada através de áudios que fiz em uma conversa com a minha avó e após esse momento, consigo firmar e reconhecer mais fortemente o quanto a presença e importância de minhas avós em minha vida são únicas.

### **2.3.1. Ramificações**

A vivência de minhas avós me interessa e motiva, a partir disso, me surgiu a curiosidade de saber e investigar como é a relação de outras mulheres com suas avós e mães. Assim como a árvore possui ramificações, eu decido estender esse trabalho do “corpo-árvore” de outras maneiras, afim de dialogar com mulheres sobre essas relações. Utilizo a ação como inspiração em outra disciplina, “Prática Pedagógica VII”, pela qual tínhamos que executar um projeto de arte socialmente engajada.

“O que caracteriza a arte socialmente engajada é sua dependência das relações sociais como um fator essencial à sua existência. A arte socialmente engajada, como uma categoria da prática, é ainda um trabalho em construção.” (HELGUERA, 2011. Pág. 35)

Realizo no Centro de Atendimento à Família e à Mulher - CAMUF, localizado na Rua São José, número 27, ao lado da Delegacia da Mulher, na cidade de Macapá-AP. Meu projeto é voltado para conversar com um grupo de mulheres sobre esse resgate de histórias e memórias das mulheres que vieram antes delas, em um diálogo sobre o tempo passado e presente, a influência dessas figuras femininas em suas vidas e de que maneira contribuem para que elas consigam se fortalecer e se empoderar.



Figura 19: Camuf. Foto: Arquivo Pessoal

O projeto foi executado em três momentos: No primeiro, promovi uma roda de conversa para conhecer as mulheres e sua realidade, tendo em vista que a maioria são mulheres em vulnerabilidade social e que saíram ou estão saindo de relacionamentos abusivos. Esse contato prévio é essencial para eu planejar os próximos encontros que viriam pela frente.

Para o segundo encontro, planejei a execução de desenhos do *self*, que consistia em cada uma desenhar seu rosto ou algum objeto que consideravam que as representava e ao lado as qualidades de cada uma. Simultaneamente a isso nós fomos conversando sobre temas que elas gostariam de externar e de que forma elas gostariam de fazer isso – pensando a ação para o terceiro encontro. Ainda no segundo dia, cada uma mostra seus desenhos e se apresenta, contando os temas e assuntos que as incomodam na sociedade e que gostariam de modificar.

No terceiro encontro, pensando e resgatando o diálogo do encontro passado, foi proposto por elas que nós construíssemos placas que pudessem ser colocadas na praça Floriano Peixoto, nas quais estariam escritos frases de força, de luta e temas em que elas são contra e que buscam melhorias, como por exemplo: assédio, violência contra a mulher, entre outros. Propunham também que essas placas fossem colocadas em transportes públicos, mas infelizmente ambas as propostas foram inviáveis de serem executadas. Foi então que decidimos em conjunto juntar as placas – que foram feitas

com papel A4 e canetinhas – e colamos todas juntas em uma cartolina grande, formando assim, um grande mural com as frases “eu sou mulher e sou forte”, “eu luto pelo fim da violência doméstica”, “chega de assédio”, “meu corpo minhas regras” e mais algumas outras frases que foram produzidas por elas. Esse mural foi exposto na universidade juntamente com um vídeo que produzi durante os dias de trabalho com elas. Essa experiência no CAMUF fortaleceu cada vez mais a certeza de que o meu lugar é na luta pelos direitos das mulheres contra violência e todo tipo de opressão.

#### 2.4. Iara Mãe D’água

Ao longo de todo esse percurso em pesquisa a figuras femininas, me encontro com a Iara, que é uma lenda da Região Amazônica e é sobre ela minha terceira ação.



Figura 20: Iara Mãe D’água. Foto: Kamylye Amaral

Resultado da finalização da disciplina de Técnicas Teatrais que é dividida em três momentos de estudo: Maquiagem, figurino e iluminação. No decorrer dos estudos fomos pesquisando e criando subsídios para a construção de um experimento cênico. Para começar deveríamos escolher um espetáculo e depois um personagem, que referenciasse nosso trabalho e tivesse relação com o que queríamos abordar, é então, que escolho o espetáculo “Curupira: um ser inesquecível” do grupo de teatro *Desclassificáveis* que é residente na cidade de Macapá. Dentro do espetáculo selecionei a personagem Iara para que eu pudesse aprofundar a pesquisa que iria trazer justamente sobre essa figura, mas com a minha visão da personagem.

Entrei em contato com o grupo, fiz uma visita ao espaço e marquei uma entrevista com a atriz para conversar pessoalmente com ela e tomar conhecimento sobre seu processo no que tange, maquiagem, figurino e composição da personagem. Disponibilizaram-me algumas imagens que contavam a evolução do trabalho e da personagem Iara, que ela havia construído.

Fiz um passeio e estudo pelos três locais de conhecimento (maquiagem, figurino e iluminação) o primeiro foi à maquiagem, na qual, tivemos a presença da maquiadora Arnanda, que nos deu a oportunidade de participar de uma de suas oficinas de formação em maquiagem criativa, momento em que foi possível que nós conhecêssemos o passo-a-passo da construção de uma maquiagem criativa para que pudéssemos criar a nossa.



Antes de iniciarmos o passeio pela área do figurino nós tivemos que pesquisar fontes de referência sobre as cores que iríamos utilizar no nosso trabalho foi então que nós realizamos uma pesquisa voltada para os indígenas do estado do Amapá e a partir disso nós realizamos uma breve oficina sobre como aprender a fazer croqui que é a base para o início do desenho de um figurino.

O professor convidou uma costureira para ministrar uma oficina com a gente sobre costura que nos ensinou como é o processo para fazer uma roupa e depois nos ensinou a utilizar a máquina de costura manual. A oficina de iluminação nós estudamos alguns dos os aparatos que são utilizados no teatro e realizamos alguns momentos para testar luz e sombra, espacialidade. Para que tivéssemos uma noção mínima de como utilizar os recursos de iluminação na nossa cena.

Utilizo de folhas secas, uma saia feita de papel de pão, um tecido verde e brilhos pelo corpo que dão a imagem de escama. O tom terroso, pardo e marrom em referência ao rio e o verde as matas. Pensando em buscar e trazer uma Iara amapaense, que construí no meu imaginário e coloco em cena. Construindo ainda minha primeira dramaturgia para cena teatral.

Esse experimento já marca uma terceira etapa e, posso dizer, que terceira onda de mudanças relacionada ao meu processo de autoconhecimento e artístico, pois, aqui já trago a força e a resistência da mulher, no caso, a minha força e resistência que encontro em meu ser. Ela se faz presente porque compreendo que outras mulheres vieram antes de mim e me auxiliaram nesse processo, mas que ainda estou nessa jornada de redescoberta de minhas magias e encantos. Através dessa disciplina e deste trabalho percebo o quão forte é poder ir a fundo e pesquisar materiais em várias fontes diversas para trazer para a cena. Quanto mais material, mais opções, mais difícil tomar decisões, porém mais rico o trabalho se torna.



Figura 21: Iara Mãe D'água. foto: Kamyille Amaral

## 2.5. Self-service

Com o intuito de buscar referências e recursos para fortalecer minhas pesquisas é que nasce este trabalho. Surge a partir da Oficina/Workshop: Intervenção Urbana: diálogos entre a mulher e a cidade, ministrada por Lidya Silva Ferreira, que foi ofertada dentro do V Seminário de Artes Cênicas do Amapá: Múltiplos territórios de ocupação, evento organizado pelo colegiado do curso de licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá. Realizamos dois encontros, onde discutimos sobre a nossa relação com a cidade e em seguidas escrevemos palavras que interessavam discutir sobre o universo feminino, questões pertinentes as opressões que sentimos nesse ambiente e espaços que transitamos.

Surgem palavras e juntamos todas. Criando frases e propostas, percebendo a relação entre elas, depois, organizamos as idéias que foram lançadas à partir do jogo com as palavras. Cada uma deveria pensar em ações que lhe interessasse executar e sobre o tema que mais lhe afetasse e várias foram as pensadas e essa é construída em conjunto com as outras mulheres que estavam participando. Aciono essa ação no dia do lançamento do catálogo do Corpus Urbis, que consiste em colocar vários frios em uma bandeja: amendoim, queijo, presunto, salame, sal, limão e meus seios, todos dentro da bandeja, ficando parada e outras vezes em movimento, pelo espaço, em silêncio. Em um primeiro momento, pensei que a ação não me afetaria muito, mas, depois que ela finalizou, percebi o quanto a exposição de meus seios ainda é um tabu pra mim e o quanto essa ação de oferecer meus seios. Me mostra o quanto nossos corpos são vistos como comida, objeto ou qualquer outra coisa que está a serviço de outros.

Creio que a maior compreensão que guardo é de que precisamos (e já estamos agindo) ir banindo esses olhares que nos devoram. Lutar contra, gritar cada vez mais por respeito, apesar de saber também que não deveria ser assim. Não deveria ser assim, mas já que se faz necessário, vamos à luta. Essa ação me convida a agir cada vez mais contra o patriarcado. Sigo refletindo, pensando, pesquisando e agindo. Jogo-me em outra experiência extremamente significativa pra mim.

Executo-a pela segunda vez na *4º Madrugada de Performances*, evento organizado pelo Coletivo Verter, no qual, faço parte. O evento ocorre na Casa Lua, localizado na Avenida Polis, 409 – Renascer I. Promove ações diversas durante uma madrugada inteira com intuito de movimentar a cena da performance, reunir e promover ações que possibilite levantar discussões sobre nossos corpos, vidas e assuntos que nos afetam. “Uma madrugada que possibilita que nos conheçamos mais intimamente”, como

me diz Natália Lobo<sup>15</sup>. De fato, é momento único, uma experiência super intensa, onde corpos estão em ação a todo instante e em vários cantos da casa. Micro-ações dentro de ações. Reitero a importância da existência de mais momentos como estes pela cidade. Todos juntos, produzindo, pensando e refletindo arte, vida e existência humana.

Nessa segunda execução uso uma bandeja de madeira e coloco outros alimentos dentro: pipoca, biscoito, amendoim e meus seios. Saio da sala da casa onde estávamos realizando o evento, mas dessa vez tomo a

atitude de perguntar se as pessoas aceitam, ofereço meus seios e os alimentos em bandeja. Considero essa ação delicada, mais ainda dessa segunda vez, onde começo sorrindo e sendo educada – queria experimentar outra reação – em determinados momentos eu paro, fico seria, percebo as pessoas, os olhares, o estranhamento, o julgamento, reflito sobre a existência do meu corpo naquele local e compreendo a complexidade da ação.



Figura 23: Self-service.  
Foto: Rian Meneses



Colocar meu corpo, meus seios, nessa posição é doído, mas é exatamente assim que nossos corpos são enxergados, pedaços de carne, objeto, que estão expostos e prontos para consumo. Colocar-me sorrindo dessa vez, sinto que “brecha” e fez com que as pessoas se sentissem mais a vontade para pegar a comida. Por muito tempo depois da ação me questiono sobre consentimento, sobre o quanto eu e tantas outras mulheres damos “brecha” (abertura) para que as pessoas nos violentem de diversas formas e em diversas instâncias, às vezes nem por que queremos, mas porque fomos ensinadas a sermos simpáticas e

aceitar calada. Agora que estamos nos “revoltando”, estamos incomodando e vamos

---

<sup>15</sup> Artista Visual, acadêmica do curso de artes visuais – Licenciatura, atua na área de arte contemporânea, com foco em performance.



incomodar mais ainda. Estamos aos poucos retornando para quem somos e não vamos parar.

## 2.6. Doce e o sumo

Creio que, apenas pelo simples fato de nós – mulheres – existirmos, já incomodamos demais, balançamos estruturas socialmente impostas e, nesse processo de redescobrimto de nossos corpos, nossa força e sua potência, incomodamos extremamente os conservadores. E é partindo de uma reflexão acerca da associação do corpo da mulher à frutas como mostra a música “Morena Tropicana”, de Alceu Valença, que decido realizar a ação. Reflito sobre a erotização do corpo feminino e o tabu sobre masturbação feminina. Essa ação é voltada para apreciação desse momento tão gostoso que é a masturbação feminina.

“Da manga rosa  
Quero gosto e o sumo  
Melão maduro, sapoti, juá  
Jaboticaba, teu olhar noturno  
Beijo travoso de umbu-cajá  
Pele macia  
Ai! Carne de caju!  
Saliva doce, doce mel  
Mel de urucu”

Esse trecho da música fala de uma mulher e associa seu corpo a vários tipos de frutas diferentes que quer “desfrutar”, apreciar e de deliciar. Adoro essa composição, mas ela me fez refletir sobre como somos vistas por um homem. “O corpo foi reduzido a um bem, sendo tanto um objeto de consumo como um dos mais importantes capitais.” (FRIZZERA E PAZÓ, 2017. Pág. 01). E diante desse contexto a sensação é de impotência, somos violentadas por olhares, pelo simples fato de sermos mulheres, por sairmos de roupas curtas, batom vermelho, etc. Todos acham que podem decidir sobre nossas vidas e ainda querem nos proibir de gozar. Com esse intuito me lanço na cena pra trazer a reflexão também sobre sexualidade. A música fala de um homem para uma mulher, mas sabemos que mulheres se deliciam com mulheres e que esse ato, é ato de amor, para muito além de qualquer objetificação ou sexualização de nossos corpos. São nossos direitos: amar quem nós quisermos – independente de gênero -, gozarmos e desfrutar a vida como desejarmos.

Utilizando-me de *Manga Rosa* para executar a ação, meus dedos, boca e língua se deixam deliciar por esse fruto, enquanto ao fundo se escuta um áudio de um pastor falando sobre masturbação ser pecado, ato que só pode ser compartilhado com um parceiro e se em caso de vício com a masturbação é preciso procurar um psicólogo cristão para falar sobre o assunto.

Foi uma ação que me causou estranhamento e desconforto, pelo fato de estar partilhando com outros um momento que é íntimo e só meu.



Figura 24: Doce e o sumo. Foto: Rian Meneses

Mas compreendo sua importância para tratar de tema pertinente, pois se faz necessário saber que mulheres gozam e gozam muito. Diferente do que os conservadores pensam.

Recordo de um texto que escrevi uma vez que diz: *não nos chupam, só nos fodem*. Referindo-me a homens que só querem nossa presença por conveniência, quando estamos ou somos “boazinhas”, mas quando nos revoltamos, viramos “loucas”. Ao final do texto digo, sobre o quanto somos auto-suficientes. Nós damos conta dos nossos prazeres e conhecemos nossos corpos melhor do que qualquer pessoa e estamos tomando mais consciência disso, a cada dia que passa. Compartilhando, dialogando e debatendo sobre o tema em rodas de conversas, palestras e eventos auto-organizados por mulheres. Essa movimentação, essa onda feminista que toma conta, é fruto da luta de outras mulheres que vieram antes de nós e precisamos nos fortalecer e nos manter ativas para que ela permaneça viva. Possibilitando que nós mulheres possamos viver dignamente, lutando e indo a busca do nosso maior ouro, que nos foi retirado, o respeito.

### 3. ENTRELAÇAMENTO, RETICÊNCIAS

Enquanto mulher, artista, feminista, mãe, bailarina, atriz e docente, precisei lutar triplamente para conseguir o mínimo de respeito em tudo que me propus a fazer. Desde a escolher minha própria roupa, assumir que bebo, saí na noite, que escolho por utilizar remédios naturais para tratamentos de doenças, que decidi parir em casa, quando coloco meus seios à mostra, quando a minha bicicleta quebra e eu apenas preciso provar para o rapaz que só preciso de uma ferramenta e que sei me virar, enfim, são infinitas as situações em que me envolvo, diariamente, e que preciso conquistar respeito.

Sei muito bem que não apenas eu, mas todas nós, mulheres, passamos por situações que não deveríamos, apenas por sermos mulheres e por querer viver, exercer nossa existência e ocupar nosso lugar na cidade, na rua, no Brasil. Por isso, me movimento e enfrento os desafios para realizar esta pesquisa, que foram imensos, mas reconheço meus privilégios e os faço valer. A pesquisa é sobre minha trajetória, mas é feita e pensada para ser a chama de uma vela, uma luz, inspiração, mobilizadora para que possamos, juntas, falar sobre nossas vidas, contar nossa história, sermos protagonistas de nossas vidas e ocupar nosso lugar no mundo.

Para muito além, é local de reflexão. Sobre minha vida, minhas decisões e sobre o quanto a arte transforma e movimenta a nossa existência. Sem arte minha vida seria sem cor e provavelmente eu nem existiria.

“O único autor deste espetáculo, dessa charmosa teatralidade, dessas metamorfoses era eu, artista e autor livre, mágico do cruzamento de cinco estreitas ruas, eu o rebelde criador que burla as formas cotidianas da vida e lhes impõe outras formas mais sutis e mais nobres” (Evreinoff, 1930 apud Coelho, 2011. Pág 06).

Compreendo que arte e vida estão completamente relacionadas, de uma maneira poética e arrisco dizer mágica, elas mantêm um caso de afeto profundo, uma relação de total empatia, na qual uma questiona a outra e é possível ocorrer diálogo ou não, mas compreendo que uma não existe sem outra. E nós, todos nós, podemos produzir artisticamente se nos deixarmos afetar pelo micro fazer artístico, cotidiano.

Não sei se a arte me acolheu ou se eu à acolhi em meu ventre. O que sei é que me permito senti-la em suas micro partículas. Quando dançava e partilhava dessas vivências artísticas, em coletividade, todos se deixavam afetar pelo movimentar dos corpos no ar, dos risos, dos gritos, das lágrimas, partilhávamos não apenas o amor pela dança, mas nossas vidas, uma verdadeira família.

À partir da análise que realizei sobre minha trajetória com a dança considero, que ela possui dois momentos: antes e depois de me tornar mãe. Antes a pesquisa era pessoal, meu corpo passou por várias fases de crescimento e a dança me acompanhou e

auxiliou em todas elas. Percebo, atualmente, que, através da convivência no coletivo, foi possível que eu pudesse (re)conhecer as mulheres que dançavam comigo e o quanto delas se faz presente em meu ser e o quanto a escolha dos elementos de cena dizia sobre nós. As cores, colares, saias, shorts, sapatilhas, maquiagem, forma do cabelo, músicas os figurinos eram iguais, cada movimento executado ritmadamente, mas cada uma de nós possui um brilho e personalidade diferentes. Eu ainda tinha um pensamento limitado sobre a dança, por falta de experiência e maturidade, mas não tinha dúvidas sobre sua importância na sociedade.

Depois que me tornei mãe, a pesquisa se tornou dupla, dois corpos juntos – enquanto meu filho estava na barriga – e depois dois corpos grudadinhos – quando dançávamos no sling -, o desafio se tornou muito árduo, mas ao mesmo tempo muito prazeroso, eu me sentia mais forte, poderosa e devido a experiência com o coletivo foi uma prazer maior ainda poder criar o grupo de danças e poder partilhar da minha paixão com outras mulheres-mães-amigas que passavam pelo mesmo processo de maternidade. Percebo aqui o quanto amadureci meus conhecimentos sobre dança e sobre o quanto preciso estudar e praticar mais ainda. A experiência com o *Maternar&Bailar* é impar e consigo vislumbrar a dança e a arte com outros olhos, dois olhos fora do corpo, meu filho me conduz a enxergar a arte nos pequenos detalhes, a fazer trabalhos simples, mas com qualidade, a diminuir o ritmo e a pressão da vida e colocar mais ânimo e alegria. Mais gratidão nas pequenas vitórias a cada apresentação que executávamos.

Nesse universo da dança, existe uma profunda e imensa gratidão a todas as mulheres que pude (re)conhecer, mas fica mais ainda o grande significado de união. Eramos muitas mulheres unidas em prol de executar várias danças e movimentos, mulheres fazendo a revolução, permitindo a seu corpo a livre expressão da vida, permitindo-se acessar, no seu íntimo a, chama que nos mantém viva. O fogo da criação. A pesquisa me proporciona enxergar a importância do meu fazer artístico, mas jamais sozinha, sempre em coletivo e seguindo ao lado de mulheres e de pessoas que impulsionam a evolução.

Essa pesquisa além de traçar relação entre minhas vivências pessoais e artísticas, me faz compreender o significado e a importância da existência das mulheres. Principalmente, das que vieram antes de mim e de tantas outras antes delas, valorizando cada sacrifício e cada gota de suor derramada. Sinto-me na obrigação de fazer minha parte e mais além, preciso encontrar minha força para lutar por um mundo melhor pra mim, para elas, para as que aqui estão e para todas que estão por vir.

Além de poder proporcionar material de pesquisa sobre o corpo feminino, essa pesquisa fala sobre mim e minhas vivências, mas é feita, pensada e existe para que possamos refletir sobre a diversidade de vivências, corpos e histórias das mulheres. Considero esta pesquisa como um sopro e espero que possa ser inspiração e mobilização para que outras mulheres sintam-se abraçadas e motivadas a contar suas histórias. Sinto um grande prazer em poder partilhar neste trabalho meu processo de evolução que ainda está caminhando. Um mergulho de cada vez, um passeio por dia. E é de passeio em passeio que vamos construindo uma história, cheia de memórias incríveis, boas e outras não tão boas. Recordo-me da não aceitação do meu corpo e o quanto as artes me auxiliam para que eu possa viver com meu corpo-casa de forma harmoniosa.

“Desde que me entendo por gente”, como dizia meu pai, eu sempre fui gorda, - “cheinha”, “quadrada” (Este é ótimo! É um apelido que um tio me deu e me chamava assim até uns dois anos atrás) -, devido ao uso de corticóide, um remédio que auxiliava no controle da minha alergia de pele. Recordo que sempre quis esconder minha barriga, minhas coxas e minha perna direita (que possui cicatriz de cirurgia). “Não demorou muito para eu entender que ser gorda significava que eu era feia e precisava emagrecer para ficar bonita.” (GURGEL, 2018, p. 06) Me sentia culpada por ter aquele corpo e só queria escondê-lo. Sentia-me diferente. Não me encaixava no padrão dos corpos de minhas colegas de escola, todas altas, magras e fortes. Eu? Gorda e baixa.

Eu era diferente, - e qual o melhor jeito de dizer que todos não somos? - de fato, mas ninguém havia me dito que não tinha problema nenhum em ser diferente e assim fui sendo ensinada a odiar meu corpo da forma que ele era. Não somente por uma parte da minha família, mas também através da mídia, que “divulga a todo o momento o modelo feminino padronizado de beleza, levando a população a buscar a perfeição do corpo”. (SANTOS, 2014. Pág. 01). Reforçando padrões de corpos esbeltos, magros e sarados, o famoso “corpo de violão”.

Sentia-me presa aquele corpo e, como não podia modificá-lo de forma rápida, então me escondia por trás de roupas mais largas ou então encolhia a barriga ao máximo para caber naquele shortinho lindo que ganhei de presente. Por ter praticado ballet por muitos anos, tentei de inúmeras formas enquadrar-me a esse padrão de bailarinas clássicas e, alguma dessas tentativas, considero bem cruéis, atualmente. Encontrei a solução muito tempo depois e nem imaginava que ela estava tão próxima e dentro de mim.

Na busca desse corpo padrão, sarado, malhado e esbelto fiz algumas dietas, entre elas: Consumir apenas líquido o dia todo; jejum intermitente - que não come em um

período de 12hrs por dia -; dieta das frutas; evitava comer todos os tipos de carboidratos; realizava atividades físicas em excesso; gastava dinheiro com academia; fazia massagem na barriga para afinar a cintura; entre outras práticas que castigavam e maltratavam meu corpo por ser gordo e flácido. Sabe o que é mais perturbador? Eu não enxergava maldade em nenhuma dessas práticas e sempre me usava da justificativa “é para o bem da minha saúde”, que era algo que escutava com frequência, a antiquada idéia de que para ser saudável precisa ser magra e acabei por internalizar. Mesmo eu não sabendo, meu corpo me dava sinais de que estava infeliz. Devido a essas dietas eu geralmente estava gripada, com pressão baixa, pálida e sonolenta.

Com o tempo e auxílio de pessoas que debatiam e dialogavam sobre corpos gordos, sobre auto-aceitação de seus corpos, aceitar o próprio corpo como ato revolucionário é que fui percebendo que essas práticas, além de não auxiliarem no processo de emagrecimento, estavam me causando ansiedade e me prejudicando mais ainda, pois, como considerava impossível alcançar aquele corpo sarado e “perfeito” que a musa *fitness* do *instagram* mostrava, causavam-me uma sensação de incapacidade, pois afinal “basta você se dedicar que consegue!”. Eu não conseguia me manter na dieta e me culpava por isso, o que me fazia comer mais, levando-me a repetir o ciclo<sup>16</sup>:



Só eu sei o quanto foi difícil sair desse ciclo em “busca da magreza”, que só fazia eu me sentir um fracasso. Demorei bastante tempo para perceber que meu corpo era meu lar e que eu deveria amá-lo.

## O retorno para o corpo-casa: uma jornada árdua!

<sup>16</sup>Esquema construído por mim, para mostrar de forma visual como ocorria o ciclo.



Sigo no processo de auto-aceitação, auto-amor e autocuidado, que se torna ainda mais desafiador por ser um corpo que passou por nove meses de gestação e ainda tem barriga flácida, estrias e suas cicatrizes. Mas apesar dos desafios nessa jornada - que ainda está em processo – posso afirmar que não irei desistir e nem me desestimular. Apesar de toda essa trajetória – e por causa dela -, atualmente sou feliz por poder me sentir e resistir no corpo que habito todos os dias. Compreendo a força e a garra deste corpo, que posso chamar de meu, possuí e é um grande prazer utilizá-lo de maneira política. Afirmo ainda, que esse processo de autodescoberta se tornou possível e de maneira mais eficaz através do fazer teatral.

Atualmente, me considero mulher de garra e como uma boa taurina, sou bem persistente, não desisto com muita facilidade, posso oscilar, mas só desisto quando não encontro mais saídas. Além de tudo, meu ascendente em câncer me faz colocar um pouco de amor em tudo que me proponho a fazer. Minha Vênus em Áries me auxilia na impulsividade, força de expressão e a me arriscar sem medo.

Sou mãe de Dionísio, escorpiano que a todo o momento me desafia a sair da zona de conforto e a me arriscar, mas mais ainda me ensina sobre paciência e amor, amor bruto! Considero-me mulher de sorte, mas muito mais de luta e de afeto, ambos caminham juntos em minha trajetória. A todo o momento em processos constantes de partilha com as almas que fazem parte da minha existência neste plano.

Compreendo que, através do meu corpo, é possível construir e desconstruir minha trajetória artística, esta, que reflete as minhas escolhas, contribui de maneira significativa para eu ser a mulher que almejo. Vislumbro um futuro próspero, com carreira estabilizada e vida equilibrada. Considero que analisar essa trajetória é ponto chave para perceber meu processo de evolução artístico, sendo meu corpo veículo de condução e de resistência, ainda mais se tratando de um corpo feminino que, por muitos anos na história, foi e ainda é oprimido. O ser artista acarreta, para mim, grande significado e possibilita o fortalecimento de minhas crenças no meu potencial enquanto artista, pesquisadora, docente e mulher. Com essa pesquisa consigo vislumbrar meu potencial.

Sendo mulher, mãe e artista, esse resgate das memórias vem no sentido de retorno às origens, mas, mais especificamente, no que se refere ao uso das plantas medicinais, seja para banho, chá, xarope, para alimentação, plantio e afins. Sinto a necessidade para esse resgate com a mãe-terra diariamente e trago isso através dos meus trabalhos que apresento dentro e fora da universidade, traçando ainda relação com o

sagrado feminino, com a dança e também com o processo de maternidade, mas a consciência sobre a importância dessas temáticas só se tornou possível dentro do curso de teatro, pois, tenho convicção de que se não estivesse nessa graduação já estaria em algum emprego fixo e não teria esse despertar de consciência para me atentar a tudo isso.

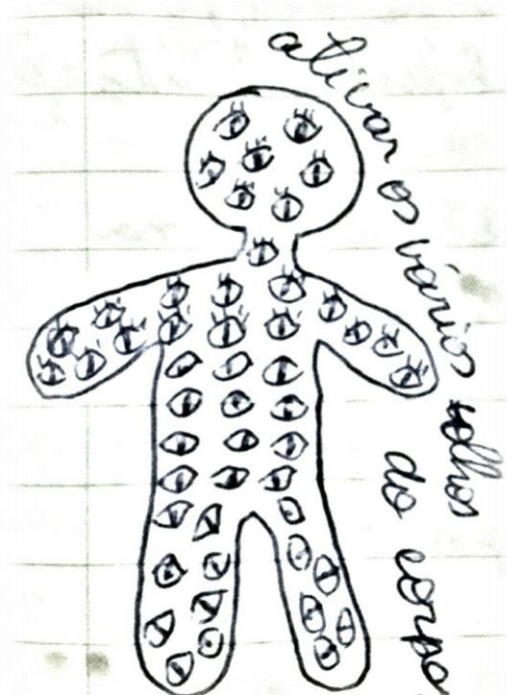


Figura 25: Rascunho pessoal do caderno de bordo.

teatro me possibilitou enxergar meu corpo com outros olhos e a ampliar minhas raízes, essas, que sinto que preciso revisitar. Minha trajetória até aqui só é possível por que as mulheres que vieram antes me auxiliaram na caminhada.

Creio então, que teatro e vida estão imbricados, arrisco afirmar que, em cada personagem, existe um pouco da personalidade de cada ator, dessa maneira um influenciando o outro no processo de construção da cena. Mas, vale ressaltar, que não é apenas com exercícios de cunho prático que se constroem os saberes

artísticos, é necessário e essencial ter base sólida e fundamentada em informações de qualidade para dar firmeza e segurança para o momento da prática, além de fortalecer os discursos enquanto artista e enquanto pesquisadora. Processos que estão a todo instante ativos no corpo e no fazer teatral.

No percurso dentro do curso e no avançar das disciplinas, o que mais ocorre é a desconstrução, de conceitos, de padrões, falas e pensamentos limitantes. (me refiro a sala de ensaio e ao fazer teatral como um todo). Me reinvento e redescubro a cada dia e a cada diálogo em sala de aula com meus colegas de classe. A universidade foi local onde realizei meus primeiros experimentos em teatro, incluindo o canto na cena e minhas primeiras performances. Observo que todos os meus experimentos têm relação com o ser mulher, com a natureza, meu processo de autoconhecimento e de empoderamento. Tendo em vista que, são conteúdos, temas pertinentes a minha vivência. Quando em coletivo, é pelo fato de a maioria da turma ser composta por mulheres e os discursos sobre feminino, feminismo virem a tona.

Relacionado às minhas (re)descobertas corporais, controles emocionais e ressignificação de emoções a disciplina de expressão corporal é fundamental nesse ponto, pois, para além de repensar meu corpo de bailarina e redescobrir nele outras

possibilidades de expressão e comunicação me permitiu acessar locais que considerava delicados, mas que trouxeram auto reflexão sobre o “ser no mundo”.

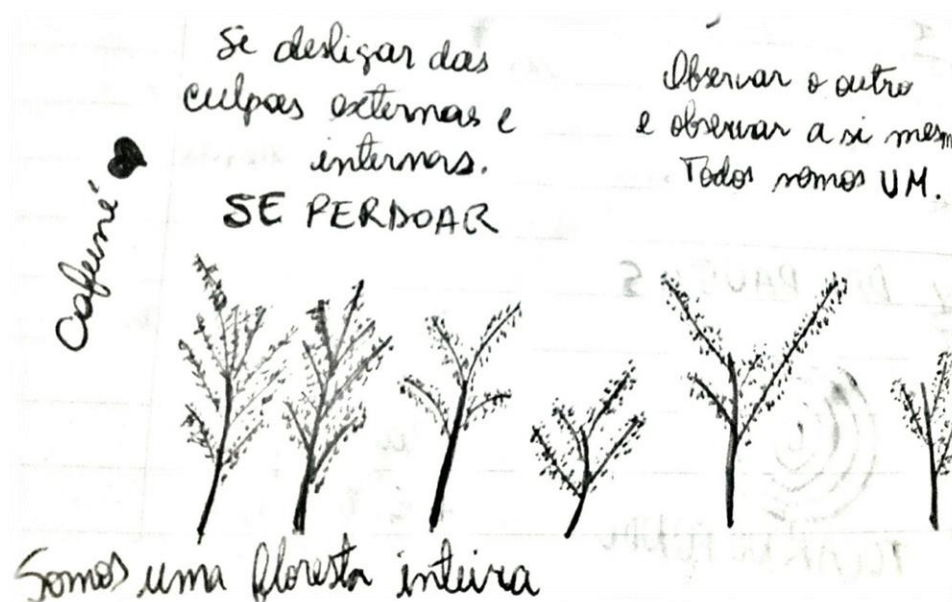


Figura 26: Rascunho pessoal do diário de bordo da disciplina de expressão corporal.

O teatro é poderoso em seu fazer, pois mobiliza em mim ações que eu nem imaginava, me tirando da minha zona de conforto e me desafiando, mas compreendo que essas e outras conquistas dentro do curso são méritos não apenas meus, mas de todos os meus mestres que se dedicam e me incentivam. Me inquietam até mesmo quando apenas dão um comando e permitem que eu vá atrás do conhecimento, promovendo autonomia enquanto artista e pesquisadora.

Todos os conhecimentos adquiridos, ao longo desses quatro anos não seriam possíveis sem meu empenho e entrega para com esse processo, mas menos ainda sem o incentivo e apoio de meus colegas de classe e dos professores. Teatro não se faz sozinha. É conhecido como a arte do encontro, então, nada melhor que partilhar o processo criativo com as pessoas que estão na mesma jornada de formação e, principalmente com as mulheres. Mesmo que cada uma foque em uma linha de pesquisa diferente, juntas podemos fazer mais e melhor, **juntas somos uma floresta inteira** e dela rendem bons e deliciosos frutos.



Figura 27: Retomada. Foto: Luan/Sereia Caranguejo

No decorrer de minhas pesquisas e ações, fui percebendo a relação das mulheres com as árvores e me atraindo cada vez mais por essa linha de pesquisa. É nesse sentido que me refiro às mulheres como florestas e que, juntas, podemos produzir grandes ações que impulsionem nossa evolução pessoal e profissional, agregando todas as outras pessoas que nos auxiliam em nossas jornadas. Relacionada à pesquisa, surge *corpo-árvore* e as demais ações que proponho a executar. Investigar essa relação é meu foco e por isso me utilizo de objetos, cores e elementos que remeta a essa natureza exterior e meu corpo sendo essa árvore que sustenta a ação e o impacto que ela causa em meu ser.

Creio que, assim como as árvores, as mulheres possuem os pés fincados na terra, suas raízes, por isso é possível crescer, se expandir e tocar o céu com seus troncos e sonhos, possuímos forças tal qual as árvores, resistimos a grandes tempestades, fortes chuvas, trovoadas, possuímos alguns arranhões que recebemos da vida, mudamos nossas folhas e planos de acordo com a estação do ano, somos completamente afetadas pela lua e funcionamos de acordo com cada uma delas. Nossos frutos são resultados de anos e anos de trabalho e resistência. Sobrevivemos com auxílio de pessoas que nos apóiam e nos querem bem e quando juntas formamos uma floresta que quando em ventania, nos apoiamos umas as outras. Nossos ciclos menstruais se alinham quando ficamos próximas por muitos dias, assim como em uma floresta que algumas plantas se juntam para poder sobreviverem. Assim, somos nós, unidas pela força da natureza.

---

<sup>17</sup> Fui convidada pela performer Natália Lobo para executar essa ação coletiva juntamente com mais oito mulheres.

Antigamente, quando meu corpo apenas dançava percebia uma limitação de movimentação, não me sentia a vontade para explorar ou experimentar para além, quando adentro ao teatro, ocorre uma mudança que considero significativa nesse sentindo. Com o teatro foi possível me lançar a novas experiências. Mas algo curioso ocorreu nesse processo, meu corpo estava acostumado a dançar, seguir movimentos, ritmos e passos, e foi um grande desafio para mim “desacostumar” alguns vícios do ballet e do contemporâneo. Precisei me esforçar ao máximo para tentar tirar do meu corpo a rigidez que nele havia, a segurança que a técnica me dava, a postura correta e perfeita que se era exigida e passei então a encontrar e investigar o tônus corporal, leveza, mesmo que o corpo estivesse rígido, movimentação mais livre, descobri ainda minha dança própria, sem precisar seguir alguém ou ter que realizar ações coletivas igual a todo o grupos.

Aprendi a compreender meu tempo e o tempo de meu corpo, respeitando suas limitações e aprimorando conhecimentos prévios. Ter tido a experiência com a dança anteriormente ao teatro me auxiliou em muitos momentos, mas precisei ir adaptando meu corpo à essa nova arte e às novas técnicas que fui aprendendo pelo caminho. Ambas se complementam, mas a dança ainda está mais presente e viva em mim, apesar de atualmente não estar participando de nenhuma companhia e nem dançando sozinha, sei que em meu ventre pulsa a chama da dança.

À partir das reflexões e análises que surgem nesta pesquisa, estou disposta, empenhada e animada a iniciar um novo trabalho voltado para dança-teatro, tendo em vista que as duas vertentes me atraem, preciso pensar em algo que as agregue e que contemple minha paixão pelas duas. Obvio que o trabalho será sobre mulher e todo o seu universo de símbolos, signos e seus significados. O que me inspira a pensar essa nova proposta são os trabalhos que vem surgindo pela cidade e dentro da universidade também. Uma gama de mulheres, atrizes, diretoras, dramaturgas, performers vem crescendo e precisamos tomar mais força e conquistar cada vez mais espaço na cena teatral amapaense.

Atualmente valorizo muito mais a arte que é produzida no estado, pois compreendo os desafios para sua existência, carrego comigo a convicção de que para ser artista no estado do Amapá é necessário muito trabalho, esforço, dedicação e amor, muito amor. Assim se consegue ir à busca de matérias para execução dos espetáculos. Além de tudo, é preciso saber trabalhar em coletivo, arte no Amapá só existe se for produzida coletivamente, pois a falta de recurso investido é gigantesca e infelizmente

são poucos os órgãos que apóiam movimentos culturais independentes. Com isso, os grupos atuantes na cena teatral se apóiam, emprestando matérias e maquinários.

E o desafio é ainda maior para mulheres que decidem se lançar na cena. A desvalorização com nossos conhecimentos, machismo, sexismo muitas vezes nos impedem de seguir. Infelizmente por muito tempo o teatro foi dominado por homens e eles tomaram nossos papéis, locais de fala e de atuação. Aqui no Amapá não foi diferente, mas com o tempo as mulheres foram retornando e tomando de volta pra si esses locais, não apenas no teatro, como no circo, na dança e na música. Ainda existem pessoas que agem para impedir nossa evolução em vários cenários, mas dessa vez não aceitamos caladas e estamos enfrentando o que vier pela frente. Porquê afinal de contas, produzir arte é uma das maiores formas de revolução, e ser mulher artista potencializa essa resistência. ***Mulher artista resista!***

### **Todo momento de fazer artístico é único e especial!**

Faz-se crucial e devemos comemorar nossas ações artísticas por mais simples que achemos que seja, pois, nos ensinam na graduação a valorizar o processo e a seguir caminhando e produzindo, mas para, além disso, creio que seja fundamental confiança. Confiar no meu trabalho, no meu potencial e ter por perto pessoas que me impulsionem a criar a arriscar na cena, sem medo do ridículo ou receio de que “não seja bom”. Esse foi um dos maiores desafios que enfrentei, o medo do julgamento das outras pessoas sobre meus trabalhos, receio da exposição do meu corpo e a visão de pessoas externas sobre mim.

Uma frase que a maioria dos professores utiliza e é muito recorrente em minha mente *sala de ensaio é local do erro, se joga!* De fato, é um espaço onde, (dependendo das pessoas), me sinto confortável em arriscar. O desafio é explorar os locais fora dessa zona, mas o teatro me possibilita artimanha, técnicas e jogo de cintura pra experimentar mais e não perder oportunidades incríveis apenas por sentir medo de encarar determinada situação.



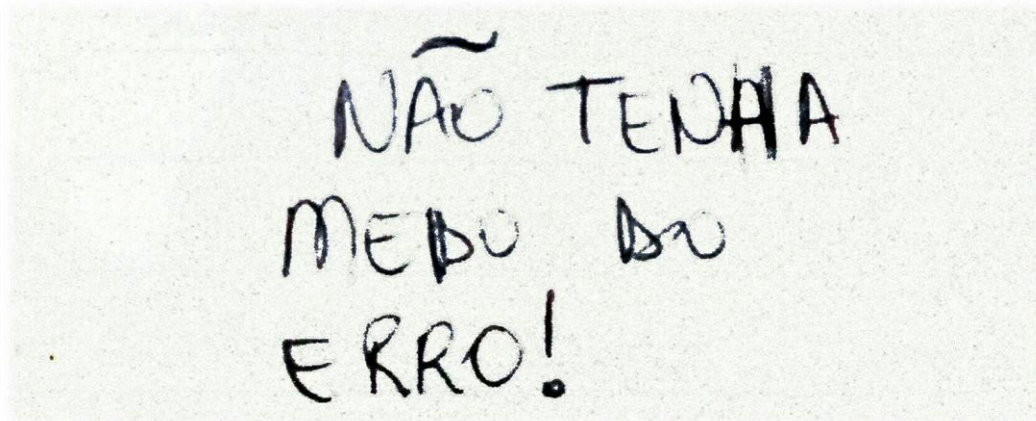


Figura 28: Rascunho do diário de bordo da disciplina de expressão corporal.

Foi necessário muito empoderamento, reforço positivo e impulso de alguns professores e amigos para que eu pudesse avançar. Atualmente, considero que mudanças significativas ocorreram nesses quatro anos de graduação, mas a caminhada ainda é longa e ainda tenho muitos outros processos para me entregar e arriscar. Ainda vem muitos medos pela frente para serem encarados e enfrentados. Creio que nessa trajetória de quatro anos, o maior desafio foi me manter firme em meus propósitos, lutando e enfrentando toda e qualquer adversidade.

Minha maior motivação é saber da importância dessa pesquisa, não apenas para mim como para outras mulheres que investigam seus processos, corpos e suas vidas. Falar sobre nós mesmas é revolucionário! Trazer à tona nossas vivências pessoais é abrir fissuras e ir cavando mais espaços de ação. Um convite para que outras mulheres vislumbrem sua força, valorizem suas produções e as coloquem em movimento. A pesquisa é minha, mas jamais seria possível sem a participação de mulheres e realizado para mulheres.

Cada novo caminho que surgir terá desafios para que sejam possíveis o amadurecimento e o crescimento. Para encarar tudo com garra, irei retirar energia de meu centro, meu ventre. Nele se concentra minha força, por ele passa, fica e filtra-se tudo aquilo que considero bom, não tão bom e essencial. Entre meu corpo e a arte, tem meu ventre. Órgão sagrado, fecundo, cheio de vida e morte, meu lar. É sobre ter um local de onde retirar forças sobrenaturais, é sobre acreditar em si.

Essa pesquisa nasce da necessidade de potencializar minhas vivências, de mostrar a potência da história das mulheres e de reconhecermos, retornar nossa visão para nós mesmas, nos sentirmos, nos tocarmos e valorizar o que produzimos. É sobre se amar e se valorizar! Perceber que é preciso viver um dia de cada vez e que a cada dia tudo vai ficando um pouco mais desafiador, mas nós, mulheres, precisamos ser fortes,

mas saber dosar. Nem todos os dias está tudo bem e é necessário descansar, se aconchegar, ficar num local quentinho de amor, recarregar as baterias e voltar.

O teatro possibilitou um reencontro comigo mesma, com minhas irmãs de alma, de luta e minhas matriarcas. Proporciona força e ânimo para seguir acreditando em dias melhores e que tem muita estrada pra seguir, a viagem através das artes é longa, cheia de obstáculos, mas nós “damos conta do recado”.

**A graduação é apenas uma porta de entrada para tantos outros caminhos artísticos que irei encarar pela frente!**

**E irei encarar contente...**

Essa pesquisa não se conclui aqui, muito pelo contrário, ela se inicia aqui e dentro de meu ser. Considero este documento como uma linda e bela carta de boas vindas. Poder organizar minhas vivências possibilitou com que eu pudesse vislumbrar outros caminhos para minha carreira enquanto artista, mãe e mulher. É possível sonhar mais alto e traçar planos maiores, para mim e para as mulheres que me cercam. E é com todo afeto que dou boas vindas á essa nova etapa de minha vida e às mulheres que chegam pra somar e fazer revolução. *O mundo é nosso! Vamos nos amar e lutar! Sintam-se abraçadas...*

Se sozinha eu posso sonhar,  
contigo posso concretizar.  
Se sozinha posso planejar,  
contigo posso executar!  
Sei viver só,  
mas contigo é muito melhor!  
Fomos ensinadas a sermos rivais,  
mas isso não ta com nada,  
Vem! Vamos ser animais!  
Te quero ver bem,  
te quero ver grande,  
cheia de vida e abundante,  
com força de sobra para seguir adiante!  
Lembra de onde vem tua força, mulher!  
Lembra de quem tu és!  
Lembra que estamos juntas e essa luta não é só tua.  
Sei que sozinha eu posso lutar,  
Mas contigo, posso conquistar.  
Avante minhas irmãs, nós nascemos pra brilhar!

*Ana Daniely Tavares da Silva*

## REFERÊNCIAL BIBLIOGRÁFICO

AZEVEDO, Sonia Machado de. **O papel do corpo no corpo do ator**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BERLOTI, Amanda. **Tendinopatia de Fibulares**. ACESSA.com: Mais comunicação. 2015. Disponível em: <https://www.acesa.com/saude/arquivo/fisioterapia/2015/11/25-tendinopatia-fibulares/>.

BOSSI, Eclêa. **Memória e sociedade. Lembranças de velho**. T. A. QUEIROZ, EDITOR, LTOA. São Paulo, SP. 1979.

BRAGA, Susana dos Reis, SANTILLI, Cláudio, MERLLOTTI, Maria Henriqueta Rennó. **Pé torto congênito**. Revista Brasileira de Ortopedia, 2016. Disponível em: <http://rbo.org.br/detalhes/35/pt-BR/pe-torto-congenito>.

BREENER, Fernanda. **7 passos para o resgate do poder feminino: Baseado na sabedoria ancestral do Sagrado Feminino**. Conexão Ventre Coração. 2018.

CALVERT, Dorys Faria. **Teatro e Neurociência: o despertar de um novo diálogo entre arte e ciência**. Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 223-248, maio/ago. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/presenca>>

COELHO, Maria Castilhos. **Teatralizando a vida e o teatro**. Cena em movimento. Programa de pós-graduação em artes cênicas. Estudos em artes. UFGRS. 2011.

Catálogo CORPUS URBIS. **Residência e Festival Corpus Urbis: Oiapoque**. IV edição. Editora: Universidade Federal do Amapá. 2018.

DUCAN, Isadora. **Fragmentos autobiográficos**. Editora: L&PM, 1985.

ESTÊS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: Mitos e Histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco - 1994.

FABIÃO, Eleonora. **Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea**. ”. In: Sala Preta, Revista de Artes Cênicas, nº 8, p. 235 a 246. São Paulo: Departamento de Artes Cênicas, ECA/USP, 2008.

FRIZZERA, Mariana Paiva. PAZÓ, Cristina Grobério. **Erotismo e beleza do corpo feminino objetificado: a publicidade de lingerie na construção das identidades das mulheres na história**. XXIX Simpósio Nacional de História. Contra os Preconceitos: História e democracia. 2017.

GURGEL, Alexandra. **Pare de se Odiar. Porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário**. Rio de Janeiro, BestSeller, 2018. 1º edç.

GREINER, Christine, KATZ, Helena. **Por uma teoria do corpomídia**. In: GREINER, Christine (org.). **O corpo. Pistas para estudo indisciplinados**. São Paulo, Annablume, 2005.

HELGUERA, Pablo. **Educação para uma arte socialmente engajada**. Jorge Pinto books, New York, 2011.

LOBO, Silvia. **As condições de surgimento da “Mãe Suficientemente Boa”**. Revista Brasileira de Psicanálise. Volume 42, 2008.

MAGALHÃES, Célia Elisa Alves de. **Autoetnografia em contexto pedagógico: entrevista e reunião como lócus de investigação**. Veredas Temática: Autoetnografia em Estudos da Linguagem e áreas interdisciplinares. Volume 22 nº 1 – UFJF – JUIZ DE FORA – 2018.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê de Registro: Marabaixo**. Brasília-DF. Agosto de 2018.

PIRES, Renata. **Tudo que você precisa saber sobre os baby blues**. Just Real Moms: De mãe para mãe. 2018. Disponível em: <https://www.justrealmoms.com.br/tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-os-baby-blues1/>.

RODRIGUES, Priscila de Oliveira. **A Organização pedagógica do ensino da dança no programa mais educação**. Laranjeiras-SE. 2015.

SANTOS, Ely Sama da Silva. **O discurso da beleza padronizada**. Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, 2014.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. **O método da auto-etnográfico na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios**. PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24. 2017.